PLACAR

EDIÇÃO ESPECIAL
Nº 10
AGOSTO DE 1994
R$ 3,50

DE 1958 A 1994

A EPOPÉIA DO TETRA

A HISTÓRIA COMPLETA DAS QUATRO CONQUISTAS BRASILEIRAS, COM FOTOS INESQUECÍVEIS E AS FICHAS DE TODOS OS JOGOS

FOOTE, CONE & BELDING

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Thomaz Souto Corrêa

DIRETOR SUPERINTENDENTE DE DISTRIBUIÇÃO: Carlos R. Berlinck
SECRETÁRIO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Dalton Pastore Júnior
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Edvard Ghirelli
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Ricardo A. Setti
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLES: Valter Pasquini

PLACAR

DIRETOR SUPERINTENDENTE: Luiz Gabriel Rico

DIRETOR DE REDAÇÃO: Juca Kfouri
REDATOR-CHEFE: Sérgio F. Martins
DIRETOR DE ARTE: Haroldo Jereissati
EDITOR: Mauro Cezar Pereira
REPÓRTERES: Paulo Vinicius Coelho, Manoel G. Coelho Fº
CHEFE DE ARTE: Jonas Aquino Plaça
DIAGRAMADORES: José Jonas de Lima, Rosalina Sasaki
FOTÓGRAFO: Nélson Coelho
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Sebastião Silva
ATENDIMENTO AO LEITOR: Rodolfo Martins Rodrigues

APOIO EDITORIAL

GERENTE DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
DIRETOR DE SERVIÇOS FOTOGRÁFICOS: Pedro Martinelli
GERENTE ABRIL PRESS: Judith Baroni
GERENTE NOVA YORK: Grace de Souza
GERENTE PARIS: Pedro de Souza

PUBLICIDADE

ATENDIMENTO DE AGÊNCIAS
GERENTES DE GRUPO: Celso Marche, Roberto Nascimento
GERENTES EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS: Paulo D'Andrea, Angelo Derenze, Antonio Carlos de Campos, Dario Castilho de Azevedo, Mariane Ortiz, Pedro Bonaldi, Moacyr Guimarães, Elian Trabulsi, Rogério Gabriel, Claudio Bartolo (RJ), Márcia Alvaredo (RJ), Rogério Ponce de Leon (RJ)
GERENTE PARA ANUNCIANTES DIRETOS: Paulo Renato Simões (RJ)
GERENTES DA CENTRAL DE COMERCIALIZAÇÃO DE DIRETOS: Alderlei Cunha, Alberto Simões
GERENTE DE ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Marcos Venturoso
DIRETOR DE ADM. E PLANEJ.: Rodinaldo Escocard de Souza

CIRCULAÇÃO

DIRETOR DE VENDAS AVULSAS: Eduardo Macedo
DIRETOR DE VENDAS DE ASSINATURAS: Vicente Argentino
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Nelson Romanini Filho

PUBLICAÇÕES

DIRETOR: Carlos Herculano Ávila

DIRETOR BRASÍLIA: Luiz Edgard P. Tostes
DIRETOR RIO DE JANEIRO: Luiz Fernando Pinto Veiga

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTES: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, José Wilson Paschoal, Placido Loriggio, Thomaz Souto Corrêa

SUMÁRIO

PLACAR

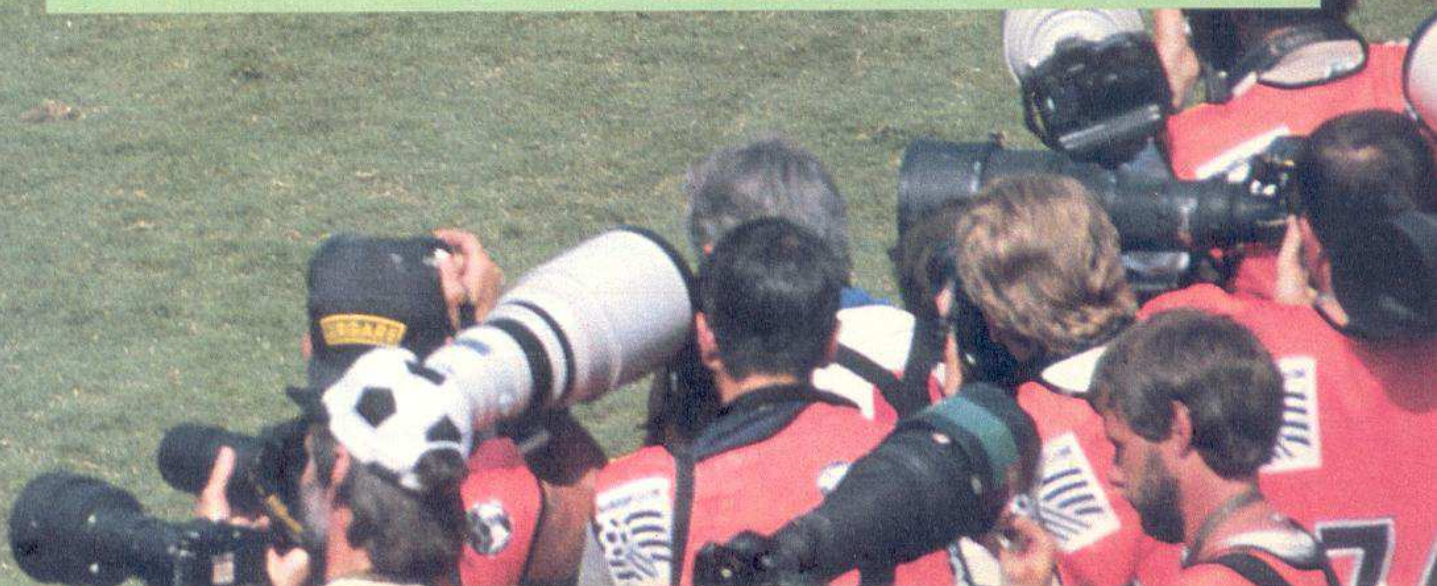
Ao tetra o que é do tetra

Do tri ao tetra uma geração inteira de jornalistas sofreu uma angústia respeitável: cobrir uma Copa que terminasse com final feliz virou uma obsessão que foi frustrada nada menos que cinco vezes. O mundo mudava numa velocidade impressionante, a cobertura era cada vez mais facilitada pelo avanço tecnológico, mas a vitória não vinha. Do telex ao fax, do fax aos computadores, da telefoto preto e branco para a em cores e daí para a foto digitalizada, **PLACAR** acompanhou e foi pioneira na introdução desses avanços na imprensa brasileira, sempre, no entanto, com o travo amargo das derrotas sucessivas, alguma delas particularmente injustas como a de 1982, na Espanha.

Agora, felizmente, depois de sete edições especiais com cada passo no caminho do tetra e dois posters alusivos à epopéia — um antes e outro após a vitória diante da Itália —, esta edição comemorativa coroa um esforço que mostrou a tradicional agilidade da única revista especializada em futebol do país, outra vez e mais do que nunca, do futebol. Esta edição, realizada pelo chefe de redação **Sérgio Martins** e pelo diretor de arte **Haroldo Jereissati**, é dessas destinadas a ser guardadas para o resto da vida, ao registrar uma façanha que, no máximo, poderá vir a ser igualada neste século, mas não superada.

Desnecessário será falar da emoção que cercou toda a brava equipe de **PLACAR** na feitura das dez edições do tetra. Será sempre inesquecível o momento em que o grito saiu da garganta, as palavras foram para a tela dos computadores e as fotos atravessaram o oceano via satélite para chegar às suas mãos, leitor, com a velocidade de um jornal diário — libertando, assim, a aludida geração de jornalistas que sonhava com este momento. E é em nome dessa alegria, desta festa mais que justificada, que cabe alertar para o fato de que o tetra não pode nos iludir quanto ao estágio de corrupção, desorganização e amadorismo da cartolagem brasileira. O tetra, fique bem claro, se deve exclusivamente aos jogadores e à comissão técnica e reflete apenas o talento sobre-humano do jogador brasileiro capaz de vencer seus adversários externos e seus inimigos internos. Não será com dirigentes que se dizem amadores, mas que enriquecem à custa do futebol, nem com bebedeiras, cenas ridículas de covardia explícita, chantagens fiscais em aeroportos e anacrônico bairrismo que poderemos ter, um dia, nossos campeões jogando em casa. (Nem é preciso citar aqui o nome da família responsável pelas grotescas cenas ainda na noite da vitória, até porque poderíamos ser injustos com tantos Teixeiras que merecem respeito).

Tetra conquistado e celebrado, é hora da faxina. **PLACAR**, como faz há 24 anos, não desistirá de sua luta por um futebol de verdade, feito com profissionalismo, competência, sobriedade e decência. E já se prepara com vistas a, quem sabe, saudar os futuros craques pentacampeões mundiais.

Juca Kfouri

O campeão d

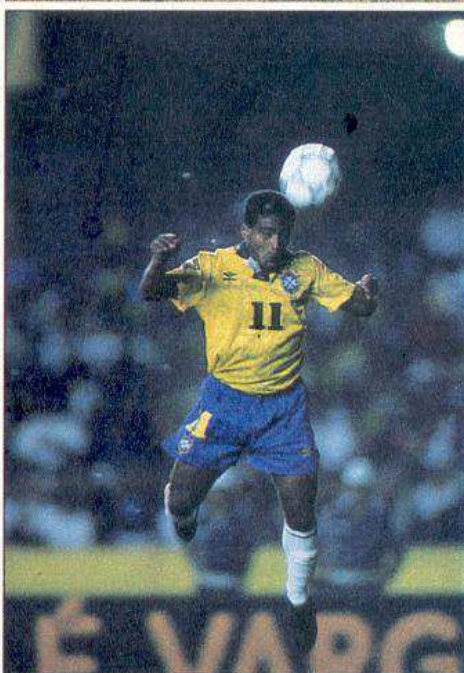
O Brasil explode de alegria ao repetir nos Estados Unidos as façanhas de 1958, 1962 e 1970, tornando-se o primeiro país a conquistar pela quarta vez o título mundial — glória que nenhuma outra nação poderá ultrapassar neste milênio

o século

Dias de agonia e êxtase

O mundo parece acabar nesta tarde de 25 de julho de 1993, em La Paz, quando a Seleção perde pela primeira vez uma partida de Eliminatórias — Bolívia 2 x 0. Sete dias antes, o time de Parreira já decepcionara ao empatar sem gols com o Equador, no primeiro jogo valendo vaga para a Copa. Mas esta derrota para a Bolívia é uma devastadora onda de pessimismo. A imprensa passa a pedir a cabeça do treinador e a exigir mudanças na equipe. Nem a goleada de 5 x 1 sobre a Venezuela convence os mais céticos. O Uruguai, em Montevidéu, é o último jogo do primeiro turno das Eliminatórias e uma derrota representa quase que o adeus ao sonho do tetra em 1994. Raí faz 1 x 0, mas os uruguaios empatam. A pressão cresce. Parreira não se abala. "A Seleção se classificará quando jogar em casa", afirma. De fato, se o time ganhar as partidas que faltam, carimba o passaporte. No primeiro jogo de volta, vitória de 2 x 0 sobre o Equador, em São Paulo, sob vaias. "É como voltar para casa depois de uma viagem e ser estapeado pelo pai e pela mãe", queixa-se o goleiro reserva Gilmar. Sete dias depois, revanche contra a Bolívia, em Recife. Os pernambucanos recebem a Seleção calorosamente, um carinho que continua durante toda a partida. Nem os 6 x 0 são suficientes, porém, para convencer o resto do país de que o time está no caminho certo. No jogo seguinte, em Belo Horizonte, os jogadores voltam a entrar em campo de mãos dadas — gesto proposto por Ricardo Rocha e que simboliza a união do elenco contra tudo e todos. Pouco adianta: a torcida vaia apesar dos 4 x 0 sobre a Venezuela. Falta agora apenas um jogo — de vida ou morte contra o Uruguai. Müller, então titular, se machuca. A torcida e a imprensa pedem a convocação de Romário. Zagalo, coordenador técnico da Seleção, é contra: acha o atacante irresponsável, criador de casos. Mas Romário chega. E, como o salvador da pátria, despacha o Uruguai com dois gols e meia dúzia de jogadas inesquecíveis. Sonhar com o tetra em 1994 agora já é possível: o Brasil está lá.

PEDRO LUIZ

SÉRGIO MORAES

A Bolívia vence em La Paz e abre a crise na Seleção. Em Recife, o Brasil desforra-se: 6 x 0 *(foto maior, um dos gols de Bebeto)*, mas ainda depende de Romário contra o Uruguai. Com dois gols, o Baixinho *(foto menor)* garante a presença brasileira na Copa

Brasil 0 x Equador 0

Data: 18/julho/1993; **Local:** Estádio Monumental (Guayaquil); **Juiz:** Juan Carlo Losteau (Argentina); **Público:** 60 000

BRASIL: Taffarel, Jorginho, Válber, Márcio Santos e Branco; Luís Henrique (Dunga), Mauro Silva e Raí; Bebeto, Careca (Evair) e Zinho. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira

EQUADOR: Espinoza, Muñoz, Máximo Tenório, Capurro e Coronel; Carcelen, Carabali (Iván Hurtado), Fernandez e Aguynaga; Ávilez e Chala (Eduardo Hurtado). **Técnico:** Dussan Draskovic

Brasil 0 x Bolívia 2

Data: 25/julho/1993; **Local:** Estádio Hernán Siles Zuazo (La Paz); **Juiz:** Juan Escobar (Paraguai); **Público:** 50 000; **Gols:** Etcheverry 43 e Alvaro Peña 45 do 2º

BRASIL: Taffarel, Cafu, Válber, Márcio Santos e Leonardo; Mauro Silva, Luís Henrique (Jorginho) e Raí (Palhinha); Bebeto, Müller e Zinho. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira

BOLÍVIA: Trucco, Rimba, Quinteros, Sandy e Borja; Cristaldo, Melgar, Valdiejo e Etcheverry; Sánchez e Ramallo (Alvaro Peña). **Técnico:** Xabier Azkargorta

ELIMINATÓRIAS

Brasil 5 x Venezuela 1

Data: 1/agosto/1993; **Local:** Estádio Pueblo Nuevo de San Cristóbal; **Juiz:** Armando P. Hoyos (Colômbia); **Público:** 13 000; **Gols:** Raí 34 do 1º; Bebeto 17, Branco 19, Bebeto 32, Juan Garcia 39 e Palhinha 42 do 2º; **Expulsão:** Echenaussi
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Ricardo Rocha, Márcio Santos e Branco; Raí (Palhinha), Mauro Silva e Dunga; Bebeto, Careca (Evair) e Elivélton. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
VENEZUELA: Gómez, Filosa, Hector Rivas, Gonzalez e Mathias; Rodriguez, Hernandez, Echenaussi e Chacón; Stálin Rivas (Contreras) e Dolgetta (Juan García). **Técnico:** Ratomir Dujkovic

Brasil 1 x Uruguai 1

Data: 15/agosto/1993; **Local:** Estádio Centenário (Montevidéu); **Juiz:** Juan Bava (Argentina); **Público:** 64 000; **Gols:** Bebeto 28 do 1º; Fonseca 33 do 2º; **Expulsão:** Ricardo Rocha
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Ricardo Rocha, Márcio Santos e Branco; Dunga, Mauro Silva e Zinho; Bebeto (Antônio Carlos), Raí e Müller (Valdeir). **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
URUGUAI: Siboldi, Sanguinetti, Daniel Sánchez, Kanapkis e Cabrera; Morán, Ostolaza (Salazar) e Francescoli; Aguilera, Fonseca e Rubén Sosa (Adrian Paz). **Técnico:** Luis Cubilla

Brasil 2 x Equador 0

Data: 22/agosto/1993; **Local:** Morumbi (São Paulo); **Juiz:** José J. Torres (Colômbia); **Público:** 77 916; **Gols:** Bebeto 34 do 1º; Dunga 9 do 2º; **Cartão amarelo:** Carcelen, Iván Hurtado e Márcio Santos
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Ricardo Gomes, Márcio Santos e Branco (Cafu); Raí (Palhinha), Dunga e Mauro Silva; Bebeto, Müller e Zinho. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
EQUADOR: Espinosa, Coronel, Máximo Tenório, Iván Hurtado e Capurro; Carcelen, Carabali, Fernandez (Gavica) e Chala; Muñoz (Avilés) e Eduardo Hurtado. **Técnico:** Dussan Draskovic

Brasil 6 x Bolívia 0

Data: 29/agosto/1993; **Local:** Arruda (Recife); **Juiz:** Oscar Velazquez (Paraguai); **Público:** 74 803; **Gols:** Raí 13, Müller 19, Bebeto 23, Branco 36 e Ricardo Gomes 45 do 1º; Bebeto 13 do 2º; **Expulsão:** Dunga
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Ricardo Rocha, Ricardo Gomes e Branco; Mauro Silva, Dunga e Raí; Bebeto (Evair), Müller e Zinho (Palhinha). **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
BOLÍVIA: Trucco, Borja, Rimba, Sandy e Quinteros; Cristaldo, Melgar, Baldivieso e Etcheverry (Juan Peña); Sánchez e Ramallo (Alvaro Peña). **Técnico:** Xabier Azkargorta

Brasil 4 x Venezuela 0

Data: 5/setembro/1993; **Local:** Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Francisco Lamolina (Argentina); **Público:** 72 489; **Gols:** Ricardo Gomes 27, Valdeir 29 e Evair 31 do 1º; Ricardo Gomes 45 do 2º
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Ricardo Rocha, Ricardo Gomes e Branco; Mauro Silva e Raí; Valdeir (Luís Henrique), Evair, Palhinha e Zinho. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
VENEZUELA: Gómez, Filosa, Hector Rivas, Morales e Carlos García; Rodriguez, Chacón (Hernandez), Echenausi e Paez Pumar (Millilo); Tortorelo e Juan García. **Técnico:** Ratomir Dujkovic

Brasil 2 x Uruguai 0

Data: 19/setembro/1993; **Local:** Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** Alberto Tejada (Peru); **Público:** 101 533 **Gols:** Romário 26 e 36 do 2º; **Cartão amarelo:** Branco, Mendes, Canals, Herrera, Gutiérrez, Francescoli e Rubén Sosa
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Ricardo Rocha, Ricardo Gomes e Branco; Dunga, Mauro Silva e Raí; Bebeto, Romário e Zinho. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
URUGUAI: Siboldi, Mendes, Canals (Paz), Herrera, Kanapkis e Batista; Dorta, Gutiérrez e Francescoli (Salazar); Fonseca e Rubén Sosa. **Técnico:** Ildo Manero

Matador exibe suas armas

Faltando pouco mais de um mês para o início da Copa, o técnico Carlos Alberto Parreira divulga a lista dos convocados: os 22 eleitos são nomes há muito anunciados. Com isso, a polêmica que mexe com o país há pelo menos um ano fica centrada no cuidadoso esquema tático da equipe. Parreira chegara a dizer numa velha entrevista que "o gol é apenas um detalhe" no futebol. A frase é, na verdade, o enunciado da teoria batizada como "futebol de resultados": tentar vencer com o mínimo de riscos, mesmo que a vitória assim conseguida não emocione os torcedores. Os jogadores convocados começam a chegar de todas as partes do mundo. Mozer, com uma virose, é cortado já na concentração de Teresópolis (RJ) e Aldair é chamado para seu lugar. Agora está tudo pronto para o embarque rumo aos Estados Unidos, que acontece na noite de 25 de maio. A torcida, que já não estava muito confiante, fica ainda mais desconfiada depois do empate em 1 x 1 contra o Canadá, no último jogo-treino antes da estréia contra a Rússia. Pela televisão, rádios, jornais e por **PLACAR**, o país acompanha o que acontece durante esses dias nos Estados Unidos. Ricardo Gomes machuca-se e fica fora do Mundial. Ronaldão é chamado às pressas para a sua vaga. Romário e Branco não treinam por sentirem dores musculares. O Brasil fica preocupado. Finalmente, no dia 17 de junho, a Seleção entra em campo para seu primeiro jogo. Branco não joga mesmo, mas Romário, o matador, está lá exibindo suas armas. E é ele quem abre o caminho da vitória com um toque genial de pé direito depois de um escanteio cobrado por Bebeto. E é ele quem enlouquece os zagueiros russos, levando-os a cometer dois pênaltis. Um, o primeiro, o juiz não marca; o outro, Raí converte. Uma boa vitória na mais tranqüila estréia brasileira em uma Copa. É o primeiro passo e a torcida começa a acreditar.

1ª FASE
JOGO 1

Brasil 2 x Rússia 0

Data: 20/junho/94; **Local:** Stanford Stadion (São Francisco); **Juiz:** An Yan Lim Kee Chong (Ilhas Maurício); **Público:** 81 061; **Gols:** Romário 26 do 1º; Raí (pênalti) 8 do 2º; **Cartão amarelo:** Nikiforov, Khlestov e Kuznetzov
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Ricardo Rocha (Aldair 27 do 2º), Márcio Santos e Leonardo; Mauro Silva, Dunga (Mazinho), Zinho e Raí; Bebeto e Romário. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
RÚSSIA: Kharin, Nikiforov, Gorlukovic e Ternavsky; Khlestov, Kuznetzov, Piatiniski, Tsymbalar e Karpin; Radchenko (Borodjuk 31 do 2º) e Iuran (Salenko 9 do 2º). **Técnico:** Pavel Sadyrim

NELSON COELHO

REUTER

Romário é o grande nome da Seleção na tranqüila estréia contra a Rússia. Depois da cobrança de escanteio por Bebeto, ele se antecipa ao zagueiro e, com um toque de gênio, faz Brasil 1 x 0 *(no alto, à esquerda)*. Levando os russos à loucura durante todo o jogo, o Baixinho acaba sofrendo dois pênaltis. Um deles, o juiz marca *(no alto, à direita)*. Raí, cobra a penalidade com categoria e define o marcador *(foto maior)*

A realidade vence o mito

Camarões fez um belo papel na Copa da Itália, quatro anos antes, quando se mostrou um time alegre, criativo, voltado para o ataque. Era assim que o Brasil jogava em 1958, 1962 e 1970 — os anos dourados do tri — e, como essa fama ainda perdura na imprensa americana, os jornais de São Francisco acreditam que as duas equipes farão o jogo dos sonhos dos torcedores. Mas basta a partida começar para se perceber que estavam enganados, pois nem Camarões nem Brasil são mais os mesmos, convencidos que estão de que competir é ganhar. Por isso, os dois times são cautelosos e esperam pacientemente o momento do bote. Mas o Brasil é melhor, mais sólido, mais consciente. Os africanos, que empataram o primeiro jogo com a Suécia (2 x2), sabem que sua chance de passar para a Segunda Fase está em segurar ao menos o empate. Já o Brasil — tanto o time como o país — sabe que a vitória é mera questão de tempo. Tempo que passa sem maiores emoções até que, aos 39, Romário recebe um lançamento de Dunga entre os zagueiros adversários, invade a área e toca rasteiro na saída do goleiro Bell. Anunciada quando o marcador ainda estava 0 x 0, a vitória brasileira deixa de ser uma questão de tempo para se transformar numa questão de tamanho. Porque os jogadores africanos passam a apelar para a violência e o lateral Song acaba expulso aos 18 do 2°. Dois minutos depois, Dunga engana a defesa camaronesa e lança Jorginho, que cruza com perfeição para a cabeçada do zagueiro Márcio Santos. A Seleção começa a administrar suas energias. Ainda assim, Bebeto aproveita o rebote de mais uma jogada criada por Romário para fazer 3 x 0. Em apenas dois jogos nesta Copa, o Brasil já marcou um gol a mais do que a equipe que disputou o Mundial da Itália. Melhor: está classificado com antecedência para a Segunda Fase. Sinal de que o futebol de resultados está dando resultado. A torcida solta mais e mais rojões.

1ª FASE
JOGO 2

Brasil 3 x Camarões 0

Data: 24/junho/94; **Local:** Stanford Stadium (São Francisco); **Juiz:** Arturo Brizio Carter (México); **Público:** 83 401; **Gols:** Romário 39 do 1°; Márcio Santos 20 e Bebeto 27 do 2°; **Cartão amarelo:** Tataw, Kalla e Mauro Silva; **Expulsão:** Song 18 do 2° **BRASIL:** Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Leonardo; Mauro Silva, Dunga, Zinho (Paulo Sérgio 30 do 2°) e Raí (Müller 36 do 2°); Bebeto e Romário. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira **CAMARÕES:** Bell, Tataw, Kalla, Song e Agbo; Libiih, Foe, Mbouh e Mfede (Maboang 27 do 2°); OmanBiyik e Embe (Milla 19 do 2°). **Técnico:** Henri Michel

Pelo passado dos dois países, acreditava-se que Brasil e Camarões fossem fazer o jogo dos sonhos dos torcedores na segunda rodada da Primeira Fase: dois times alegres, soltos, ofensivos. Mas tanto os africanos como os brasileiros comungam hoje a mesma fé: competir é ganhar. A vitória então só poderia ser da Seleção Brasileira, que tem Romário — um jogador decidido a escrever seu nome na história das Copas. É ele quem recebe de Dunga, invade a área *(foto 1)* e, na saída do goleiro Bell, toca rasteiro, colocado *(fotos 2 e 3)* para fazer Brasil 1 x 0

NELSON COELHO

NELSON COELHO

AFP

REUTER

Aos 20 do segundo tempo, não se colocava mais em discussão a vitória brasileira, mas, sim, de quanto a Seleção ganharia. Então o combatido Dunga engana genialmente a defesa camaronesa e lança Jorginho livre ao lado da área. O cruzamento do lateral vem na medida para Márcio Santos, que mergulha entre os zagueiros para fazer 2 x 0 *(fotos 1 e 2)*. Sete minutos depois, é a vez de Bebeto marcar o seu *(foto maior)*, aproveitando o rebote de uma jogada de Romário

GUILHERME BASTOS/CARAS

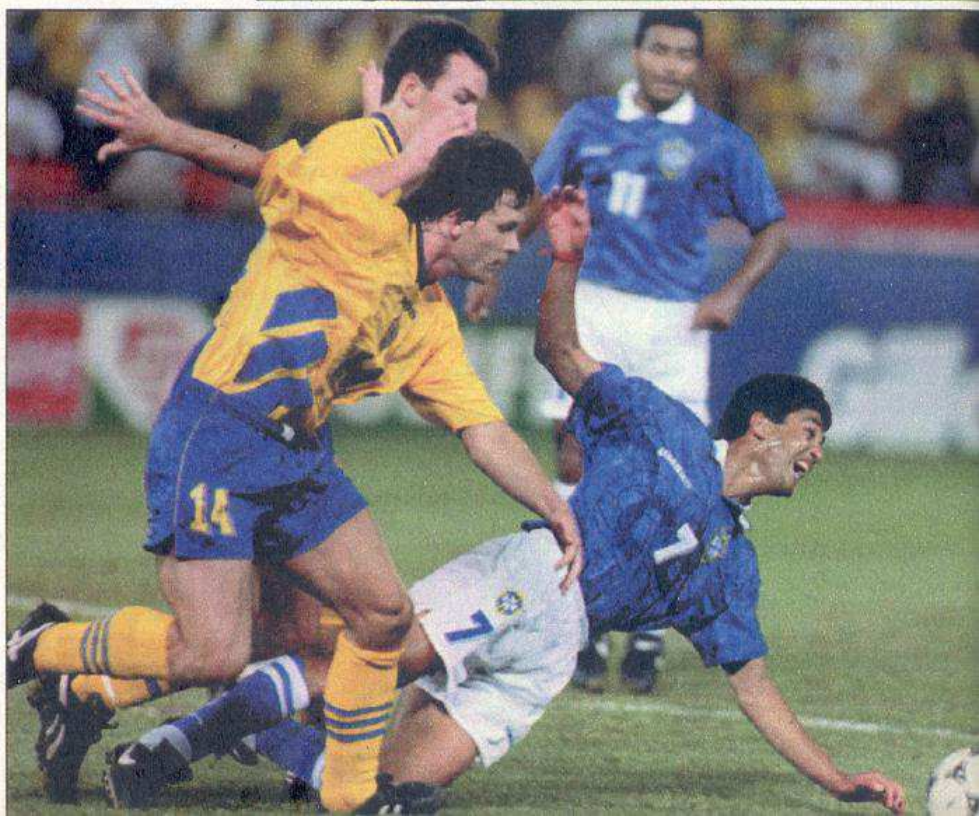
A Seleção decide vencer

Com presença já garantida nas oitavas, o Brasil vai a Detroit enfrentar a também classificada Suécia. É uma partida que só tem importância para quem pensa em escolher o adversário da próxima fase. Comenta-se que os jogadores e a comissão técnica do Brasil fizeram uma misteriosa reunião na noite de domingo, 26 de junho, para discutir justamente essa questão: vencer ou empatar com a Suécia para enfrentar os Estados Unidos no dia de sua independência, quando os fortes sentimentos patrióticos estão ainda mais acirrados, ou entregar o jogo e pegar provavelmente a Holanda? O capitão Dunga, por exemplo, acha melhor jogar contra a Holanda, que, segundo ele, está uma "baba". Assim, quando os times entram em campo no estranho Silverdome — o primeiro estádio coberto na história das Copas —, a pergunta que fica é: os jogadores seriam tão pragmáticos a ponto de perderem uma partida de propósito para terem um caminho mais fácil? Os primeiros 20 minutos mostram que o time joga para vencer. Só que joga mal, sem saber como furar a retranca sueca. Aos 23, Taffarel vai buscar pela primeira vez a bola nas redes, depois de Andersson acertar um chute perfeito por cobertura. O jogo continua inalterado, com a Seleção Brasileira atacando improdutivamente pelo meio. "Mazinho, Mazinho", pede a torcida impaciente. Parreira vai para o vestiário parecendo não ter ouvido. Mas ouviu: Mazinho está em campo. Não, porém, no lugar de Zinho como queriam as arquibancadas, mas na vaga de Mauro Silva. Na primeira descida do Brasil, Romário recebe livre na intermediária. Mesmo perseguido por três zagueiros, invade a área e bate rasteiro no canto esquerdo de Ravelli. O Silverdome se transforma numa monumental gafieira. A Seleção continua invicta. Como em 1958, 1962 e 1970 — anos em que o Brasil também não escolheu adversários e foi tricampeão do mundo.

1º FASE
JOGO 3

Brasil 1 x Suécia 1

Data: 28/junho/94 **Local:** Silverdome (Detroit); **Juiz:** Sandor Puhl (Hungria); **Público:** 77 217; **Gols:** Kennet Andersson 23 do 1º; Romário 1 do 2º; **Cartão amarelo:** Aldair e Mild
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Leonardo; Mauro Silva (Mazinho, intervalo), Dunga, Zinho e Raí (Paulo Sérgio 38 do 2º); Bebeto e Romário. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
SUÉCIA: Ravelli, Roland Nilsson, Andersson, Kamark e Ljung; Schwarz (Mild 30 do 2º), Ingesson, Thern e Henrik Larsson (Blomqvist 19 do 2º); Brolin e Kennet Andersson. **Técnico:** Tommy Svensson

FOTOS REUTER

A Suécia vence por 1 x 0 e marca o time brasileiro em cima. Bebeto, que não resiste aos choques físicos dos gigantescos suecos *(à esquerda)*, não tem espaços para criar jogadas. Dunga até que teve alguma liberdade no início, mas agora sofre também a implacável marcação adversária *(ao lado)*. Para fugir da derrota, resta ao Brasil, então, aquele instante de gênio de Romário. E ele vem a 1 minuto do segundo tempo, quando, mesmo perseguido por três suecos, o Baixinho invade a área e toca de direita, no canto esquerdo do goleiro Ravelli *(acima)*

O sufoco de 4 de julho

Encharcados de orgulho, entusiasmo e patriotismo, os americanos estão acreditando que dá para vencer o Brasil pelas oitavas-de-final — vitória que encerraria em grande estilo as comemorações deste 4 de julho, o dia da independência dos Estados Unidos. Embora até por elementares princípios de educação isso não seja dito nem pelos jogadores nem pelos membros da comissão técnica, o fato é que a Seleção Brasileira considera o time americano fraco, sem condições de ameaçar seriamente sua classificação para a próxima fase. E tanto a torcida como a imprensa estão hoje mais entusiasmadas. Motivo: depois da péssima partida contra a Suécia, o técnico Parreira resolvera finalmente mexer no time, escalando Mazinho no lugar de Raí. Pela primeira vez em jogo envolvendo o Brasil, o Estádio de Stanford, em São Francisco, não se tinge de verde e amarelo, mas, sim, de branco, azul e vermelho, as cores da bandeira americana. Tão exigida por jornalistas e torcedores, a presença de Mazinho no meio-campo não surte o efeito esperado neste início de partida: o futebol do time é confuso, burocrático. Aos 11, a equipe ianque assusta com uma bola que raspa perigosamente o gol de Taffarel. Romário responde chutando na trave. Em seguida, Bebeto, de voleio, desperdiça boa chance. Na seqüência, Aldair e Márcio Santos perdem gol certo. A cada minuto, o time brasileiro fica mais tenso. Não por sofrer ameaças sérias, mas por causa de seus próprios defeitos. Aos 41, sem nenhuma justificativa, o sempre tranqüilo lateral Leonardo dá uma cotovelada em Tab Ramos e acaba expulso. Mazinho vai para a lateral. Com um jogador a menos, como a Seleção conseguirá furar o bloqueio americano no segundo tempo?, pergunta-se a torcida em sua angústia no intervalo. Mas o Brasil volta surpreendente melhor. Romário, aos 3, só não marca porque o zagueiro

OITAVAS-DE-FINAL

Brasil 1 x Estados Unidos 0

Data: 4/julho/94; **Local:** Stanford Stadion (São Francisco); **Juiz:** Joel Quiniou (França); **Público:** 84 147; **Gol:** Bebeto 28 do 2º; **Cartão amarelo:** Jorginho, Mazinho, Tab Ramos, Clavijo e Dooley; **Expulsão:** Leonardo 41 do 1º; Clavijo 40 do 2º
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Leonardo; Mauro Silva, Dunga, Zinho (Cafu 23 do 2º) e Mazinho; Bebeto e Romário. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
ESTADOS UNIDOS: Meola, Clavijo, Balboa, Lalas e Caligiuri; Tab Ramos (Wynalda, intervalo), Dooley, Hugo Pérez (Wegerle 20 do 2º) e Sorber; Stewart e Cobi Jones. **Técnico:** Bora Milutinovic

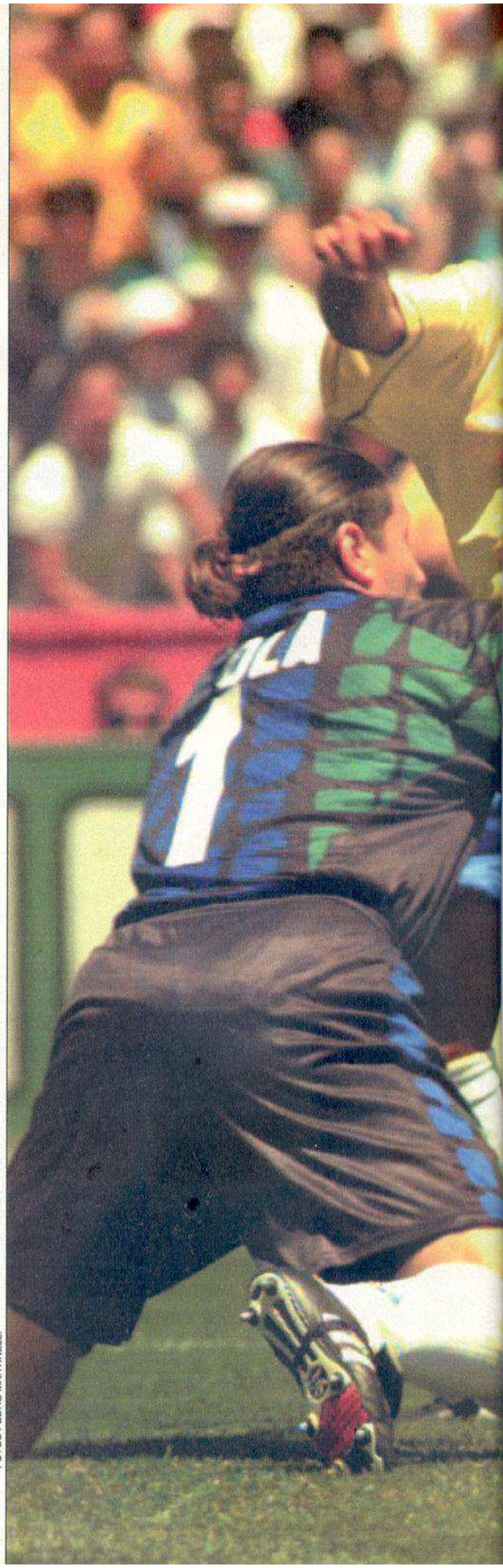
REUTER

NELSON COELHO

A Seleção Brasileira, mais por seus próprios erros do que pelas virtudes do adversário, passa um sufoco contra os Estados Unidos. Isso até que, aos 28 do 2º, Romário, sempre ele, faz uma jogada genial e descobre Bebeto livre pelo lado direito. Bebeto avança um pouco mais pelo interior da área e bate cruzado, fraco, mas longe do goleiro Meola, que salta cheio de estilo, embora em vão. É a vitória e a classificação brasileira para as quartas-de-final

Dooley salva sobre a linha. Aos 13, Zinho deixa Romário sozinho com o goleiro Meola e — incrível! — o Baixinho perde. O time americano há muito desistiu de armar qualquer ataque. São onze jogadores soldados atrás da linha do meio de campo apostando em arrastar a partida, primeiro, para a prorrogação e, com sorte, muita sorte, para os pênaltis. Pressão, sufoco, angústia. Ainda mais que o estádio inteiro, enlouquecido, não pára agora de gritar "IUESSEI, IUESSEI". Aos 28, Romário, sempre ele, recua até a intermediária americana, livra-se de um adversário, avança e solta um passe genial para Bebeto livre pela direita. Bebeto recebe, infiltra-se área adentro e bate devagar, cruzado, sem chance para Meola. Embora ainda faltem mais de 15 minutos para o final do jogo, a vitória está garantida, pois os americanos nunca souberam o que fazer com a bola no ataque. Mesmo criticado, o Brasil vai chegando. E mesmo sem encantar a torcida, é até agora o melhor time da competição.

Bola presa nas mãos, o goleiro Meola recebe os cumprimentos do zagueiro Lalas, enquanto Bebeto lamenta mais uma chance perdida *(acima)*. Romário fica na cara do goleiro, mas Meola sai bem e de novo leva vantagem *(foto maior)*. Depois é Bebeto, de voleio, quem desperdiça mais uma ótima chance (à direita). Mesmo sem jogar um futebol de encher os olhos da torcida e de ter pela frente um adversário preocupado apenas em se defender, a Seleção Brasileira só não venceu os Estados Unidos com maior folga por errar demais nas conclusões

FOTOS PEDRO MARTINELLI

Emoção em altas doses

Há um consenso entre jogadores, jornalistas e torcedores: de todos os adversários que a Seleção enfrentou até agora, a Holanda é o adversário mais difícil. É um time com experiência, uma boa escola tática e jogadores de alto nível, como o líbero Koeman, o meio-campista Rijkaard e os atacantes Overmars e Bergkamp. Uma das grandes preocupações no lado brasileiro é a presença de Branco na lateral-esquerda, em substituição a Leonardo, expulso contra os Estados Unidos. Por sentir fortes dores lombares desde que a delegação desembarcou nos Estados Unidos, Branco não participou anteriormente de nenhuma partida. Como é um jogador que, mesmo quando em forma, desagrada a boa parte da torcida, há uma sensível procupação no ar quando a partida começa. Afinal, cabe a ele marcar o rápido e esperto Overmars. Em pleno verão de Dallas, surpreendentemente faz frio no Estádio Cotton Bowl neste início de jogo. Os primeiros minutos são de estudos, mas a Seleção Brasileira transmite segurança e aos poucos vai tomando as rédeas da partida nas mãos. Aos 20, Romário dá o primeiro chute a gol. Um cruzamento perigoso é a resposta holandesa. Zinho perde boa chance em seguida. Mauro Silva quase marca aos 29. Zinho, Aldair

QUARTAS-DE-FINAL

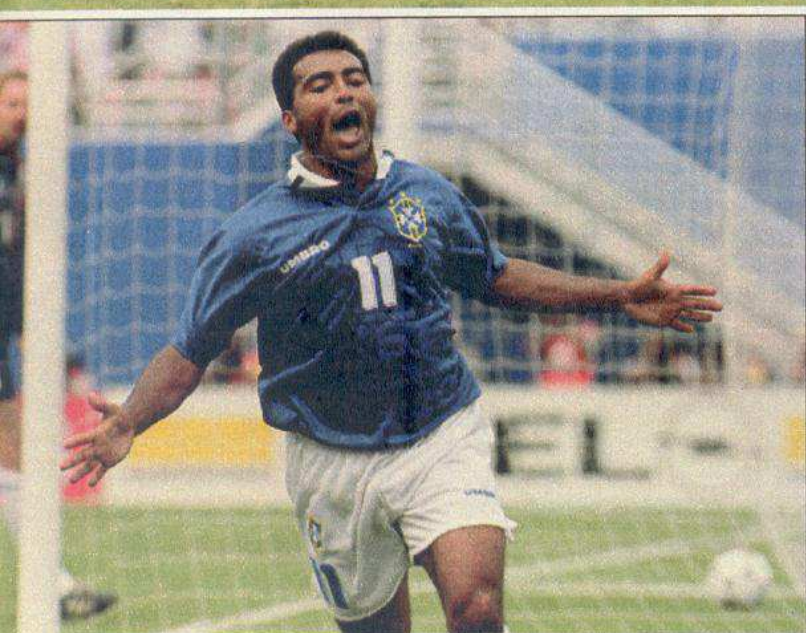
Brasil 3 x Holanda 2

Data: 9/julho/94; **Local:** Cotton Bowl (Dallas); **Juiz:** Rodrigo Badilla (Costa Rica); **Público:** 63 998; **Gols:** Romário 6, Bebeto 16, Bergkamp 18, Winter 30 e Branco 36 do 2º; **Cartão amarelo:** Winter, Dunga e Wouters
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Branco (Cafu 45 do 2º); Mauro Silva, Dunga, Zinho e Mazinho (Raí 35 do 2º); Bebeto e Romário. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
HOLANDA: De Goeij, Winter, Valckx, Koeman e Rob Witschge; Rijkaard (Ronald de Boer 19 do 2º), Wouters e Jonk; Overmars, Bergkamp e Van Vossen (Roy 8 do 2º). **Técnico:** Dick Advocaat

ORLANDO BRITO/CARAS

1

GUILHERME BASTOS/CARAS

2

O Brasil faz sua melhor partida no Mundial, domina inteiramente a Holanda, mas gol que é bom, nada. Finalmente, aos 6 do 2º, Bebeto recebe um lançamento de Aldair, escapa pela lateral da área holandesa e cruza na medida para a entrada fulminante de Romário. Da marca do pênalti, com os dois pés no ar como um bailarino, Romário chuta de direita no canto esquerdo do goleiro De Goeij *(foto 1)*. Depois, o Baixinho abre os braços e corre para repartir sua alegria com os companheiros *(fotos 2 e 3)*

REUTER

e Romário deixam, por indecisão, de marcar no final do primeiro tempo. É a melhor partida do time nesta Copa. No início do segundo tempo, Romário perde uma oportunidade que ele não é de desperdiçar. Até o meio-capista Zinho está jogando bem. Branco há muito deixou de ser uma preocupação brasileira para se transformar num problema holandês. Não só está marcando bem a Overmars como tem boa participação nas jogadas de ataque. O domínio brasileiro é amplo. Mas falta mesmo o gol. E ele acontece aos 6 minutos: Aldair lança Bebeto pelo lado esquerdo do ataque. Bebeto avança e centra na medida para Romário concluir com os dois pés no ar, sem chance para De Goeij. O Brasil está jogando um futebol de emocionar — vibrante, rápido e inteligente como ainda não mostrara. Só dá o time de azul em campo. O de laranja parece vencido. Aos 16, uma jogada antológica de Romário: impedido quando a bola lhe é lançada, ele continua andando em direção ao campo brasileiro como se não a estivesse vendo. Seu marcador, enganado por sua displicência, também continua andando. A bola passa sobre eles e Bebeto aproveita para entrar na área, driblar o goleiro e tocar para o gol vazio. É um marcador que faz justiça ao futebol vibrante apresentado pelo Brasil. Dois minutos, porém, Márcio Santos falha e Bergkamp diminui. De repente, o jogo, fácil, fica difícil. Aos 30, nova bobeada e Winter empata. De difícil, a partida se torna dramática. Aos 36, Branco cava uma falta. Ele mesmo bate. Uma bomba. Brasil 3 x 2. Magoado com as críticas, Branco batiza o gol de "gol cala-boca". Mas o Brasil não se cala. Grita, e grita: BRASIL!!! O tetra está cada vez mais perto.

GUILHERME BASTOS/CARAS

Romário percebe que está impedido quando a bola lhe é lançada. Ele continua andando em direção ao campo brasileiro como se não a estivesse vendo. O zagueiro holandês, vendo-o tão despreocupado, também continua andando atrás dele. É um lance cômico, que chega a lembrar Charles Chaplin e Garrincha. A bola sobra limpa então para Bebeto entrar na área *(foto 1)*, driblar o goleiro com tranqüilidade *(foto 2)* e tocar para o gol vazio *(foto 3)*

Vitória com gosto de fábula

Agora, sim, o Brasil está realmente empolgado com a Seleção. Desde o final da emocionante partida contra a Holanda, as ruas do país já não são mais as mesmas. Automóveis, ônibus e caminhões carregam bandeiras de todos os tamanhos e levam fitas verde-amarelo amarradas nas antenas do rádio. Torcedores com o uniforme brasileiro estão em toda a parte. Essa é a nova paisagem de um país que passou a acreditar em seu time. A Suécia, adversária da Semifinal, não mete medo. É uma equipe fisicamente forte, cuja maior virtude está na marcação dura e incansável que exerce a partir do meio-campo. É essa justamente a grande preocupação do técnico Carlos Alberto Parreira. "Não vai ser fácil entrar na defesa deles. A Suécia está marcando cada vez melhor", previa. A Seleção pisa no gramado do Estádio Rose Bowl, em Los Angeles, vestida toda de azul: camisa, calção e meia — um canário cor de anil, que no início provoca um desconforto psicológico na torcida por sua visão inusitada. O time sueco, de branco, mostra desde o instante em que a bola começa a rolar que vai usar e abusar de sua única qualidade notável: seu reconhecido poder de marcação. Com disciplina tática, os jogadores de branco bloqueiam os espaços e formam uma muralha ao redor da área do goleiro Ravelli. Ainda assim, o Brasil cria boas oportunidades. Aos 13, Zinho perde gol feito. Aos 25, o zagueiro Andersson salva sobre a linha um chute de Romário, e Mazinho, na pequena área, desperdiça o rebote. Aos 32, é a vez de Romário — até então infalível nas conclusões — jogar fora outra bela chance. Bebeto dribla, desloca-se com inteligência, dá passes na medida para os companheiros. É o melhor de uma equipe que, adversário domado, não consegue derrubá-lo. O primeiro tempo termina 0 x 0, resultado que

FOTOS NELSON COELHO

SEMIFINAL

Brasil 1
x
Suécia 0

Data: 13/Julho/1994; **Local:** Estádio Rose Bowl (Los Angeles); **Juiz:** José Joaquín Torres Cadena (Colômbia); **Público:** 91 794; **Gol:** Romário 35 do 2º; **Cartão amarelo:** Zinho, Ljung e Brolin; **Expulsão:** Thern 17 do 2º
BRASIL: Taffarel, Jorginho, Aldair, Márcio Santos e Branco; Mauro Silva, Dunga, Mazinho (Raí, intervalo) e Zinho; Bebeto e Romário. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira
SUÉCIA: Ravelli, Roland Nilsson, Andersson, Bjorklund e Ljung; Thern, Ingesson, Mild e Brolin; Dahlin (Rehn 22 do 2º) e Kennet Andersson. **Técnico:** Tommy Svenson

A Suécia tem uma defesa inexpugnável pelo alto e uma única jogada de ataque eficiente — a cabeçada. Mas, aos 35 do segundo, Romário, 1,68 m, sobe entre os gigantes *(foto 1)* para vencer o goleiro Ravelli *(foto 2)*. Herói dessa pequena fábula, o atacante comemora seu feito de braços abertos *(foto 3)*

GUILHERME BASTOS/CARAS

deixa a torcida apreensiva, já que os deuses do futebol costumam castigar os times que perdem tantas oportunidades. Na segunda etapa, Raí entra no lugar de um Mazinho tímido, inseguro, decepcionante. A Suécia volta melhor, procura arriscar mais, mas é Zinho, aos 9, que por pouco não marca um golaço de fora da área. A angústia cresce. É inacreditável que o domínio exercido pela Seleção não se tranforme em gols. Aos 17, o capitão sueco Thern é expulso por entrada feia em Dunga. Com um homem a menos, a Suécia resiste. O Brasil parece um lutador que, depois de bater durante a luta inteira no adversário, não sabe mais o que fazer para chegar à vitória. Faltando apenas dez minutos, decidir nos pênaltis é uma hipótese que ganha corpo. Mas Bebeto lança Jorginho livre pelo lado direito. Ele corre até a lateral da área e centra. Romário salta entre os gigantes suecos e cabeceia à direita de Ravelli. É um gol com sabor de fábula antiga: um jogador baixinho, 1,68 m, usa a única arma ofensiva do adversário, a cabeçada, para derrotá-lo. Um gol que coloca o Brasil em sua quinta decisão. E logo contra a Itália! O Brasil vai dormir certo de que a hora de vingar Sarriá finalmente chegou.

Com elogiável disciplina tática, os suecos procuram fechar os espaços para a Seleção. Os atacantes brasileiros têm sempre pelo menos dois adversários na marcação, como aconteceu com Raí ***(acima, à esquerda)*** **ou com Bebeto** ***(acima, à direita).*** **O jogo, com isso, se torna uma angústia crescente, que aumenta ainda mais a cada oportunidade perdida, como a chance desperdiçada por Romário ao ficar sozinho à frente do goleiro Ravelli** ***(foto maior)***

FOTOS PEDRO MARTINELLI

Brasil, campeão do século

Em 1970, Brasil e Itália, bicampeões mundiais, decidiam qual deles seria o primeiro tri da história. Em 1994, Brasil e Itália, agora tricampeões, decidem qual deles chega primeiro ao tetra — honra que poderia ser, no máximo, igualada neste século, jamais ultrapassada. A Seleção Italiana, seguindo uma tradição inaugurada em 1982, na Espanha, começou a Copa jogando muito mal, só conseguindo a classificação para a Segunda Fase por ter feito um gol a mais que a Noruega. Venceu depois a Nigéria pelas oitavas-de-final na prorrogação (2 x 1), a Espanha pelas quartas (2 x 1) e a Bulgária pelas Semifinais (também por 2 x 1). O time brasileiro ao contrário, iniciou bem a competição, caiu de produção, mas voltou a mostrar bom futebol a partir das quartas-de-final. Com o título de campeão do século em disputa, o Brasil almoça mais cedo e vai para a frente da televisão. Também o mundo está de olhos colados na telinha neste 17 de julho. A Seleção, vestindo seu uniforme verde-amarelo, joga

FINAL

Brasil 0 x Itália 0

Data: 17/Julho/1994; **Local:** Estádio Rose Bowl (Los Angeles); **Juiz:** Sandor Puhl (Hungria); **Público:** 94 194; **Cartão amarelo:** Mazinho, Apolloni, Albertini e Cafu; **Decisão nos pênaltis:** Brasil 3 (Romário, Branco e Dunga) x Itália 2 (Albertini e Evani)

BRASIL: Taffarel, Jorginho (Cafu 20 do 1º), Aldair, Márcio Santos e Branco; Mauro Silva, Dunga, Mazinho, Zinho (Viola 1 do 2º da prorrogação); Bebeto e Romário. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira

ITÁLIA: Pagliuca, Mussi (Apolloni 34 do 1º), Baresi, Benarrivo e Maldini; Dino Baggio (Evani 5 do 1º da prorrogação), Donadoni, Berti e Albertini; Baggio e Massaro. **Técnico:** Arrigo Sachi

FOTOS PEDRO MARTINELLI

NELSON COELHO

Taffarel, pouco exigido durante toda a Copa, defende o chute de Massaro na decisão por pênaltis *(foto maior)* e deixa a taça do tetra ainda mais próxima. Depois do chute de Baggio por cima, ele se ajoelha e ergue os braços aos céus *(à esquerda)*, enquanto Romário e Dunga *(no alto)* se abraçam e comemoram o quarto título mundial, um título que nenhum país conseguirá superar neste século

completa. Idem a Itália, embora suas duas maiores estrelas — Baresi e Roberto Baggio — não estejam em suas melhores condições físicas. É o Brasil quem começa forçando, enquanto o adversário apenas se defende à espera de uma brecha para contragolpear. Romário tem boa chance, mas cabeceia fraco em cima de Pagliuca, e Bebeto desperdiça uma oportunidade ainda mais clara. Jorginho, aos 20, se machuca ao fazer sua melhor jogada pela direita. Cafu entra e a Itália ganha espaços para o contra-ataque. Num deles, Massaro, cara a cara com Taffarel, chuta sobre o goleiro brasileiro. Logo depois Mazinho fura espetacularmente com Romário e Bebeto livres na área. O primeiro tempo acaba. Um primeiro tempo de respeito entre as duas equipes e bastante confuso na arbitragem, com o juiz húngaro Sandor Puhl só apitando faltas a favor da Itália e o bandeirinha paraguaio Venancio Zarate não assinalando os impedimentos brasileiros. Começa o segundo tempo. Mauro Silva é o grande destaque canarinho e Baresi mostra porque é um dos maiores líberos do mundo. Nenhuma das equipes se expõe. Aos 30, Mauro Silva chuta, a bola escapa de Pagliuca, bate na trave e volta às mãos do goleiro. O jogo do século vai para a prorrogação. Bebeto perde nova chance. Em seguida, é Baggio quem obriga Taffarel a fazer grande defesa. Viola entra no lugar de Zinho no segundo tempo e incendeia o time. Romário perde o gol mais feito da partida. O final é dramático, com o Brasil forçando e a Itália defendendo-se heroicamente. Não tem jeito. A decisão vai ser nos pênaltis. Baresi perde a primeira cobrança. Márcio Santos também. Albertini converte. Romário iguala. Evani faz 2 x 1 para a Itália. Branco empata. Taffarel defende o chute de Massaro. Dunga bota o Brasil na frente: 3 x 2. Baggio enche o pé e joga por cima do gol brasileiro. Os jogadores correm, pulam, se abraçam. Brasil, tetracampeão do mundo. Brasil, campeão do século.

A prorrogação vai chegando dramaticamente ao fim. Cafu foge pela direita e do fundo do campo cruza na medida para Romário, livre no interior da pequena área *(foto 1)*. Ao goleiro Pagliuca, irremediavelmente batido, só resta rezar. O zagueiro Benarrivo corre desesperado sobre a linha do gol. O Baixinho passa ligeiramente da bola, mas mesmo assim consegue finalizar com Benarrivo atirando-se ao chão *(foto 2)*. A bola caprichosamente raspa o poste e se perde pela linha de fundo *(foto 3)*. Era a última chance brasileira de ganhar o título com a bola correndo

FOTOS EUGENIO SAVIO

HI-FI & VIDEO JVC
VIOLA
21
3
Gillette
JVC HI-FI & VIDEO
JVC

Os jogadores brasileiros dão olimpicamente a volta por cima das críticas que sofreram durante todo o Mundial dos Estados Unidos. Ao contrário do que aconteceu na campanha dos três títulos anteriores, quando aquelas Seleções foram invariavelmente elogiadas a cada jogo, o time do tetra esteve sempre na berlinda. Isso explica o estilo Dunga de erguer a taça. Enquanto Bellini, Mauro e Carlos Alberto Torres tornaram esse gesto solene, ritualístico, Dunga fez dele uma explosão de desabafo. O mesmo sentimento que esteve em cada abraço trocado pelos jogadores

1970

O eterno time de ouro

Uma Seleção inesquecível encanta o mundo com seu futebol de sonho e gols, conquistando para sempre a Taça Jules Rimet e o coração dos torcedores

BASTIÃO MARINHO/ABR

Feras iniciam sonho do tri

O Brasil parecia não ter aprendido nada com a catastrófica preparação para o Mundial de 1966, quando nada menos do que 44 jogadores foram convocados sem que o time fosse definido. Por culpa dessa desorganização, a Seleção não passa sequer da Primeira Fase na Inglaterra. Na volta, o técnico Vicente Feola é substituído por Aymoré Moreira — o treinador campeão do mundo em 1962, no Chile —, mas a equipe não consegue uma só vitória sob seu comando. Em setembro de 1967, Zagalo entra em seu lugar e a Seleção até que obtém bons resultados em 1968, embora a desorganização continuasse. A cada jogo, um time. Sob pressão da imprensa, o presidente da antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD), João Havelange, atual presidente da FIFA, convida o jornalista João Saldanha para o ocupar o lugar de Zagalo. Saldanha aceita e, em sua primeira entrevista, diz que seu time teria onze feras. A frase faz tanto sucesso que fera vira sinônimo de craque. É com esse espírito que a Seleção estréia nas Eliminatórias contra a Colômbia, em Bogotá. Com dois gols de Tostão, o Brasil inicia sua caminhada para a glória de 1970. Nos quatro jogos seguintes, são vinte gols pró e apenas dois contra (veja fichas técnicas). Uma campanha avassaladora, irretocável. Ainda assim, a classificação só é decidida na última partida — Paraguai, no Maracanã. Naquele dia, o estádio bate oficialmente o recorde de público: 183 341 pagantes. E, com um gol de Pelé, as feras do João dão início mais uma vez ao sonho do tri.

Pelé marca contra o Paraguai no Maracanã e recebe o abraço de Tostão *(fotos 1 e 2)*: fecho de ouro na campanha das Eliminatórias de 1969. Abaixo, à direita, o Rei comemora o gol de Jairzinho contra o mesmo Paraguai, em Assunção

ELIMINATÓRIAS

Brasil 2 x Colômbia 0

Data: 06/agosto/1969; **Local:** Estádio El Campin (Bogotá); **Juiz:** Alberto Tejada (Peru); **Público:** 60 000; **Gols:** Tostão (2)
BRASIL: Félix, Carlos Alberto Torres, Djalma Dias, Joel Camargo e Rildo; Piazza e Gérson; Jairzinho (Paulo César Caju), Tostão, Pelé e Edu. **Técnico:** João Saldanha
COLÔMBIA: Largacha, Sanchez, Segrera, Oscar Lopez e Castro; Segovia e Agudelo; Tamayo, Garcia, Gallego (Santa) e Ortiz (Brand). **Técnico:** não disponível

Brasil 5 x Venezuela 0

Data: 11/agosto/1969; **Local:** Estádio Universitário (Caracas); **Juiz:** E. Rendon (Equador); **Público:** 35 000; **Gols:** Tostão (3) e Pelé (2)
BRASIL: Félix, Carlos Alberto Torres, Djalma Dias, Joel Camargo e Rildo (Everaldo); Piazza e Gérson; Jairzinho, Tostão, Pelé e Edu. **Técnico:** João Saldanha
VENEZUELA: Garcia, David, Freddy, Sanchez e Chicho; Pedrito e Useche; Nitti (Guimarães), Revelo (Rafa), Mendoza e Iriarte. **Técnico:** não disponível

Brasil 3 x Paraguai 0

Data: 17/agosto/1969; **Local:** Estádio Defensores del Chaco (Assunção); **Juiz:** A. Massaro (Chile); **Gols:** Mendoza (contra), Jairzinho e Edu
BRASIL: Félix, Carlos Alberto Torres, Djalma Dias, Joel Camargo e Rildo; Piazza e Gérson; Jairzinho, Tostão, Pelé e Edu. **Técnico:** João Saldanha
PARAGUAI: Aguillera, Molina, Bobadilla, Sergio Rojas e Mendoza; Colman (Arrua) e Valdez; Martinez, Pablo Rojas, Benício Ferreira e Jimenez (Celino Mora). **Técnico:** não disponível

Brasil 6 x Colômbia 2

Data: 21/agosto/1969; **Local:** Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** M. Comesaña (Argentina); **Gols:** Tostão (2), Edu, Pelé, Rivelino, Jairzinho, Meza e Agudello
BRASIL: Félix, Carlos Alberto Torres, Djalma Dias, Joel Camargo e Rildo; Piazza e Gérson (Rivelino); Jair, Tostão, Pelé (Paulo César Caju) e Edu. **Técnico:** João Saldanha
COLÔMBIA: Largacha (Quintana), Segóvia, Segrera, Sotto e Castro; Alvarez e Ramirez; Agudello (Sanchez), Gallego, Meza e Santa. **Técnico:** não disponível

Brasil 6 x Venezuela 0

Data: 24/agosto/1969; **Local:** Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** A. Vargas Ortube; **Público:** 122 841; **Gols:** Tostão (3), Pelé (2) e Jairzinho
BRASIL: Félix (Lula), Carlos Alberto Torres, Djalma Dias, Joel Camargo (Brito) e Rildo; Piazza e Gérson; Jairzinho, Tostão, Pelé e Edu. **Técnico:** João Saldanha
VENEZUELA: Fazzano, David, Freddi, Sanchez (Zarzalejo) e Chicho; Useche e Naranjo; Curro (Mendoza), Antonio, Iriarte e Nitti. **Técnico:** não disponível

Brasil 1 x Paraguai 0

Data: 31/agosto/1969; **Local:** Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** Ramon Barreto (Uruguai); **Público:** 183 341; **Gol:** Pelé
BRASIL: Félix, Carlos Alberto Torres, Djalma Dias, Joel Camargo e Rildo, Piazza e Gérson; Jairzinho, Tostão, Pelé e Edu. **Técnico:** João Saldanha
PARAGUAI: Aguillera, Enciso, Bobadilla, Sérgio Rojas e Mendoza; Alcides Sosa e Ivaldi (Valdez); Pablo Rojas, Ocampos, Ferreyra e Jimenez. **Técnico:** não disponível

AJB

Uma estréia de arrepiar

Bola rola, mundo gira. Apesar do sucesso nas Eliminatórias, João Saldanha perde o cargo de treinador da Seleção depois de um empate em 1 x 1 num jogo-treino contra o Bangu, no dia 14 de março de 1970, menos de três meses da estréia na Copa. Saldanha sai atirando a esmo, afirmando até que Pelé não poderia mais jogar por ter um problema de visão. Zagalo assume e tenta separar a dupla Pelé-Tostão. "A dupla de área vai ser Roberto Miranda e Pelé", diz antes de um amistoso contra o Chile. Fala e cumpre. Uma partida depois, no entanto, escala Dario, o preferido do então presidente da República, Emílio Garrastazu Medici, como companheiro de Pelé. Zagalo parece perdido. Barra Pelé e escala Tostão ao lado de Roberto. Em seguida, volta a colocar Tostão e Pelé juntos. Faltando apenas um mês para o início da Copa, Rogério — só não foi titular no Mundial porque se machucou — é o ponta-direita no lugar de Jairzinho; Rivelino, o reserva de Paulo César Caju; e Everaldo, reserva de Marco Antônio na lateral-esquerda. O futebol apresentado pela equipe no último treino, contra o Irapuato, no México, é preocupante. A torcida começa a ficar pessimista. Uma semana antes do primeiro jogo da Copa, os principais cobras do time — Pelé, Carlos Alberto Torres e Gérson — reunem-se com Zagalo e cobram definições: o time do tri ganha, então, cara, corpo e alma. Na estréia, a Checoslováquia sai na frente. Um susto que dura pouco, porém: Rivelino empata com sua "patada atômica"; Pelé faz 2 x 1; e Jairzinho, com dois golaços, encerra a virada. No dia seguinte, o Brasil de novo sorri cheio de fé, comentando os belos gols e as jogadas de gênio — como o chute de Pelé do meio de campo que não entrou — de um time que começa a escrever seu nome na história do futebol.

OITAVAS-DE-FINAL
1º JOGO

Brasil 4
x
Checoslováquia 1

Data: 03/junho/1970; **Local:** Estádio Jalisco (Guadalajara); **Juiz:** Ramón Barreto (Uruguai); **Público:** 70 000; **Gols:** Petras 12 e Rivelino 24 do 1º; Pelé 15, Jairzinho 18 e 38 do 2º

BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo e Gérson (Paulo César Lima); Jairzinho, Tostão, Pelé e Rivelino. **Técnico:** Zagalo

CHECOSLOVÁQUIA: Viktor, Dobias, Horvath, Migas e Hagara; Kuna e Hrollika (Kvasnak); Frantisek Vesely (Bohumil Vesely), Petras, Adamek e Jokl. **Técnico:** Josef Marko

O GLOBO

ABRIL

Com lançamentos milimétricos para gols de Pelé e Jairizinho, Gérson começa a encantar o mundo já na estréia contra os checos. Jairzinho *(acima)* — que seria reserva se o botafoguense Rogério não tivesse se machucado com o time já no México — marca dois golaços inesquecíveis, enquanto o lance de Pelé que será sempre lembrado nesse jogo é o gol que não conseguiu fazer num chute do meio de campo

Jairzinho recebe um lançamento perfeito de Gérson já na intermediária adversária, dá um lençol no goleiro Viktor *(foto 1)* que abandona em desespero a grande área, mata depois a bola no peito com calma e fica com o gol checo escancarado à sua frente *(foto 2)*. Jairzinho pode tocar a bola mansamente para o fundo das redes, mas prefere soltar a bomba *(foto 3)* antes de correr para o abraço de todo o time. É o fecho perfeito para uma exibição de altíssimo nível

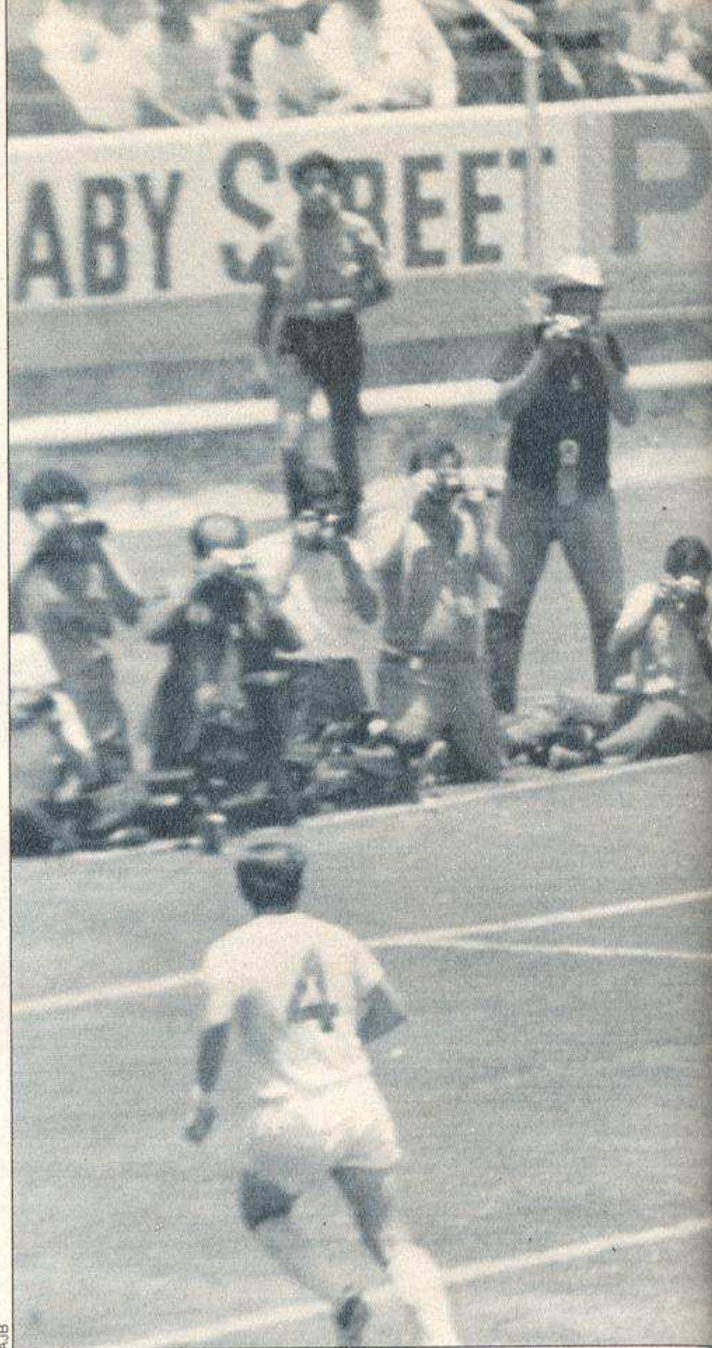
Vitória no jogo do século

A segunda participação do Brasil nas oitavas-de-final é contra a Inglaterra. A imprensa internacional trata a partida como "o jogo do século", uma espécie de decisão antecipada da Copa. O vencedor será inevitavelmente o novo campeão, afirmam os jornais do mundo inteiro. O Brasil pára em frente à tevê, ainda com imagens em branco e preto. A Inglaterra entra em campo com seu uniforme todo branco; a Seleção Brasileira, de camisa amarela e calção azul. O time inglês é forte. Sua base é a mesma da equipe que conquistara o título mundial quatro anos antes. Lá estão os irmãos Charlton — Jack e Robert — o goleiraço Banks, o zagueiro Bobby Moore e os atacantes Peters, Hurst e Ball. O Brasil não conta com Gérson, machucado. Rivelino vai para o meio-de-campo e Paulo César Caju entra na ponta-esquerda. Quando a bola começa a rolar, até piscar passa a ser um movimento altamente perigoso, pois há o risco de se perder uma jogada decisiva ou um lance da mais pura arte. É um jogo tenso, bem disputado, de excelente nível técnico. Nenhum dos dois times deixa de atacar, embora não se descuidem na marcação. A equipe inglesa tem uma defesa sólida e um contra-ataque sempre perigoso. E é ela quem primeiro cria chances reais de gol, mas Félix salva por duas vezes. Os ingleses apelam para uma virilidade que beira a violência. Carlos Alberto Torres, o capitão brasileiro, dá então, com uma peitada no atacante Lee, seu recado: o Brasil quer jogar apenas futebol, mas dançará conforme a música. A Seleção mostra ao adversário que está bem viva. Pelé acerta uma cabeçada forte, colocada, de cima para baixo, perfeita, mas o goleiro Banks embola-se com a bola e a espalma para escanteio. O mundo deixa o queixo cair com aquela defesa lendária. O primeiro tempo termina em 0 x 0 sem que ninguém se sinta

OITAVAS-DE-FINAL
2º JOGO

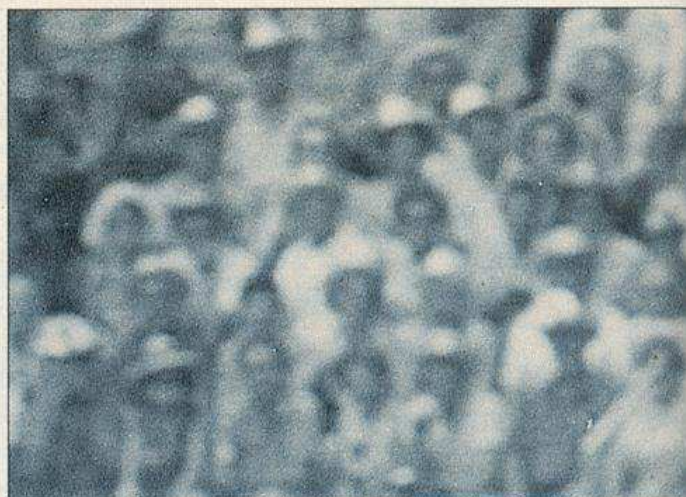
Brasil 1
x
Inglaterra 0

Data: 7/junho/1970; **Local:** Estádio Jalisco (Guadalajara); **Juiz:** Abraham Klein (Israel); **Público:** 75 000; **Gol:** Jairzinho 14 do 2º
BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Rivelino e Paulo César; Jairzinho, Tostão (Roberto) e Pelé. **Técnico:** Zagalo
INGLATERRA: Banks, Wright, Labone, Bobby Moore e Cooper; Mulery, Bobby Charlton (Bell) e Ball; Lee (Astle), Hurst e Peters. **Técnico:** Alfred Ramsey

AJB

ABRIL

ABRIL

O lance da vitória do Brasil no "jogo do século": Jairzinho solta a bomba para vencer o goleiro Banks *(foto maior)* e corre depois para a torcida perseguido por Tostão, Pelé e Rivelino *(página ao lado)*. Brasil e Inglaterra fizeram uma partida inesquecível: de alto nível técnico e fortemente disputada, mas sempre com lances de cavalheirismo, como o de Pelé socorrendo um adversário com câimbras *(ao lado)*

entediado. Aos 14 do segundo tempo, o Brasil marca finalmente o gol da vitória. Tostão dribla quatro adversários no lado esquerdo da grande área inglesa e cruza para a marca do pênalti. Pelé mata a bola, com três zagueiros correndo sobre ele como ferozes cães de guarda. O Rei tira-os da jogada dando apenas um leve toque para o lado. Jairzinho entra como um furacão e enche o pé. O Brasil vence o jogo do século e Guadalajara vira um carnaval só.

O inglês Banks, um dos maiores goleiros da história do futebol mundial, deixa o mundo inteiro de queixo caído ao defender uma cabeçada perfeita desferida por Pelé da entrada da pequena área. Um dos lances do século no "jogo do século"

FOTOS O GLOBO

O estranho jogo do aquário

Embora a vitória sobre a Inglaterra já tivesse deixado o Brasil classificado para a Segunda Fase da Copa, o terceiro jogo das oitavas-de-final, contra a Romênia, é importante por definir as colocações das equipes. Vencendo ou mesmo empatando, o time brasileiro será o primeiro do Grupo 3, escapando de um confronto com a sempre forte Alemanha Ocidental de Beckenbauer, Maier e Overath, nas quartas-de-final. A Seleção entra em campo mais uma vez desfalcada. Além da ausência de Gérson, a equipe não conta também com Rivelino. O técnico Zagalo coloca Paulo César Caju na ponta-esquerda e desloca Piazza da zaga para o meio-campo (sua posição de origem no Cruzeiro), entrando Fontana como quarto-zagueiro. Apesar dessas alterações, a equipe joga bem e em menos de 25 minutos já ganha de 2 x 0, gols de Pelé e Jairzinho. Aos 34, Dumitrache diminui e o primeiro tempo termina 2 x 1. É uma partida esquisita: mesmo sem que o time conseguisse criar muitas situações de gol, o torcedor tem a impressão de que ele poderá golear quando bem entender. Só que os gols não vêm. O tempo parece correr dentro de um aquário — pesado, lento, aquoso. Pelé faz 3 x 1 aos 24 do segundo tempo, mas o ritmo do jogo não sofre qualquer alteração. A Romênia ataca quando pode, podendo cada vez mais; o Brasil ataca quando quer, querendo cada vez menos. Aos 38, Dembrovski coloca de novo os romenos encostados no marcador. Os últimos cinco minutos ganham, com isso, uma carga dramática imprópria para uma partida que foi sempre tão fácil. No final, porém, dá mesmo Brasil: 3 x 2. Com mais essa vitória, a Seleção garante o primeiro lugar no grupo e adquire o direito de permanecer em Guadalajara, já então a maior cidade brasileira fora do Brasil.

OITAVAS-DE-FINAL
3º JOGO

Brasil 3
x
Romênia 2

Data: 10/junho/1970; **Local:** Estádio Jalisco (Guadalajara); **Juiz:** Ferdinand Marschall (Áustria); **Público:** 50 000; **Gols:** Pelé 19, Jairzinho 21 e Dumitrache 34 do 1º; Pelé 24 e Dembrovski 38 do 2º
BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Fontana e Everaldo (Marco Antônio); Piazza, Clodoaldo (Edu) e Paulo César; Jairzinho, Tostão e Pelé. **Técnico:** Zagalo
ROMÊNIA: Adamache (Raducanu), Satmareanu, Lupescu, Dinu e Mocanu; Dumitru e Nunweiller; Dembrovski, Neagu, Dumitrache (Tataru) e Lucescu. **Técnico:** Angelo Niculescu

1

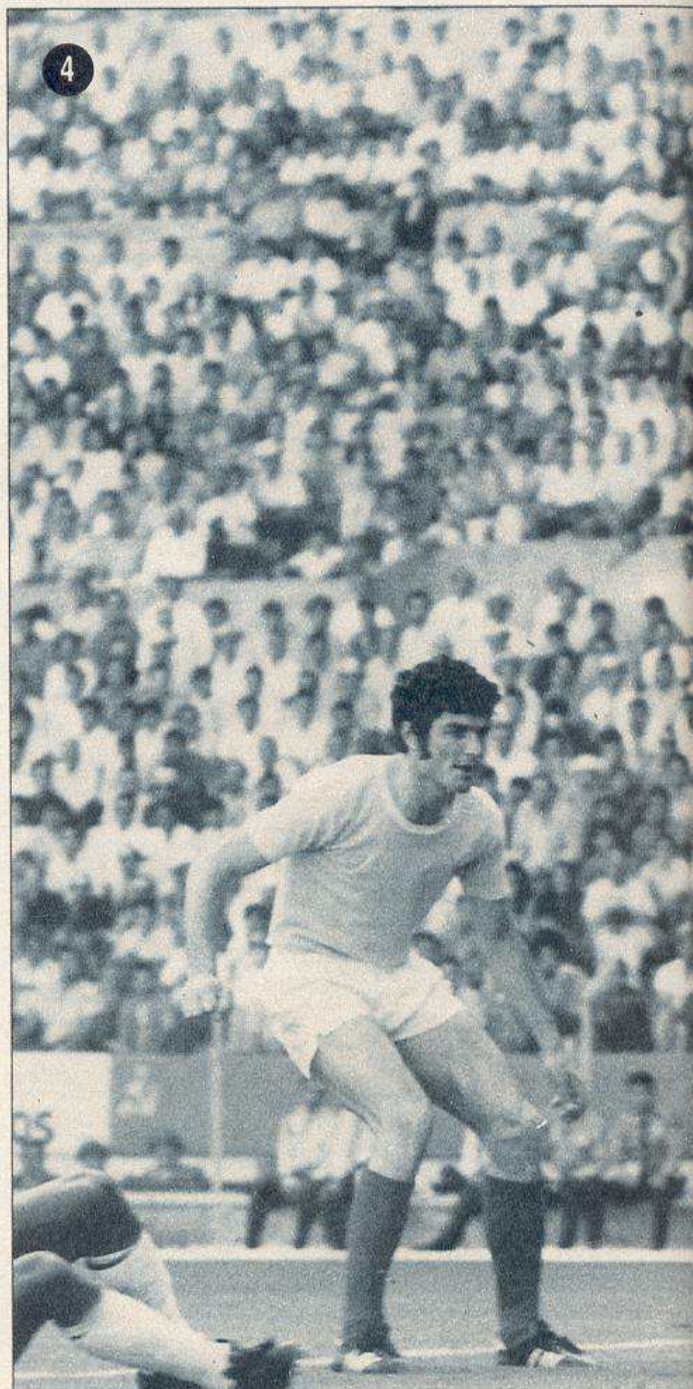
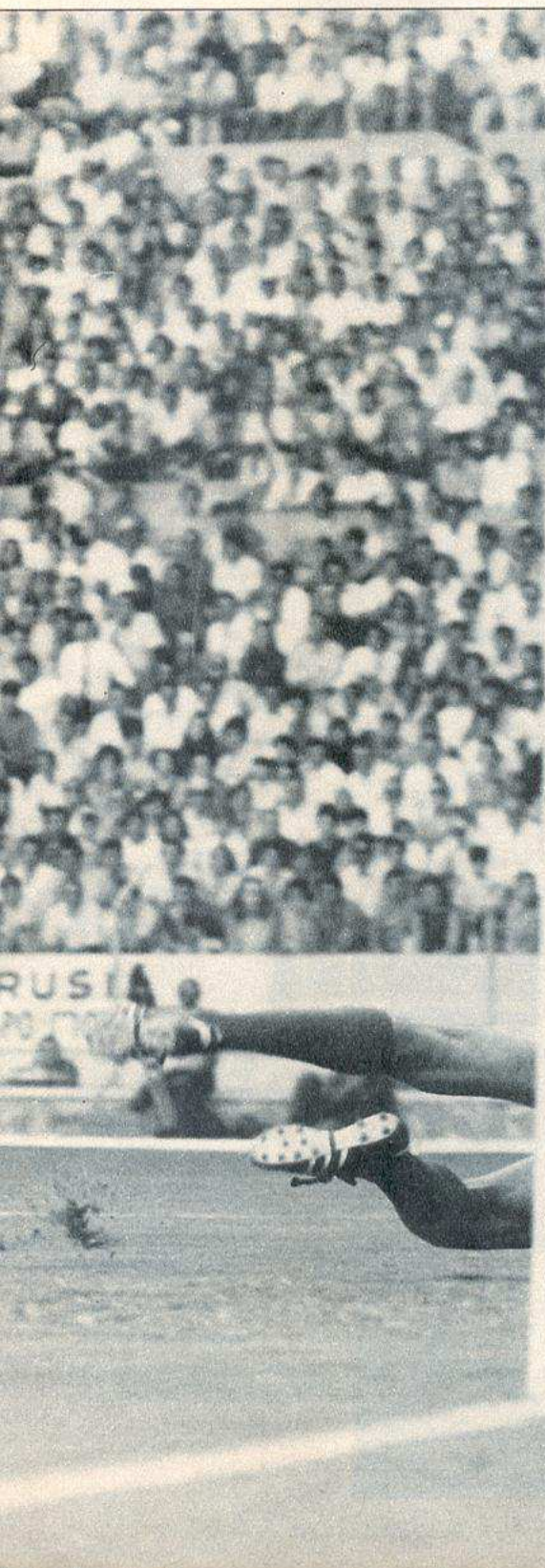
AJB

4

ABRIL

A vitória sobre a Romênia deixa o Brasil como o primeiro do grupo, o que lhe dá não só o direito de continuar jogando na já então brasileiríssima Guadalajara, como tira de seu caminho, nas quartas-de-final, a sempre forte Alemanha. Ao lado, a seqüência completa de um dos dois gols de Pelé na partida — um desses difíceis jogos fáceis, que, com seu ritmo pesado, lento, aquoso, pareceu ter sido disputado dentro de um aquário

ABRIL

AJB

O mundo treme de emoção

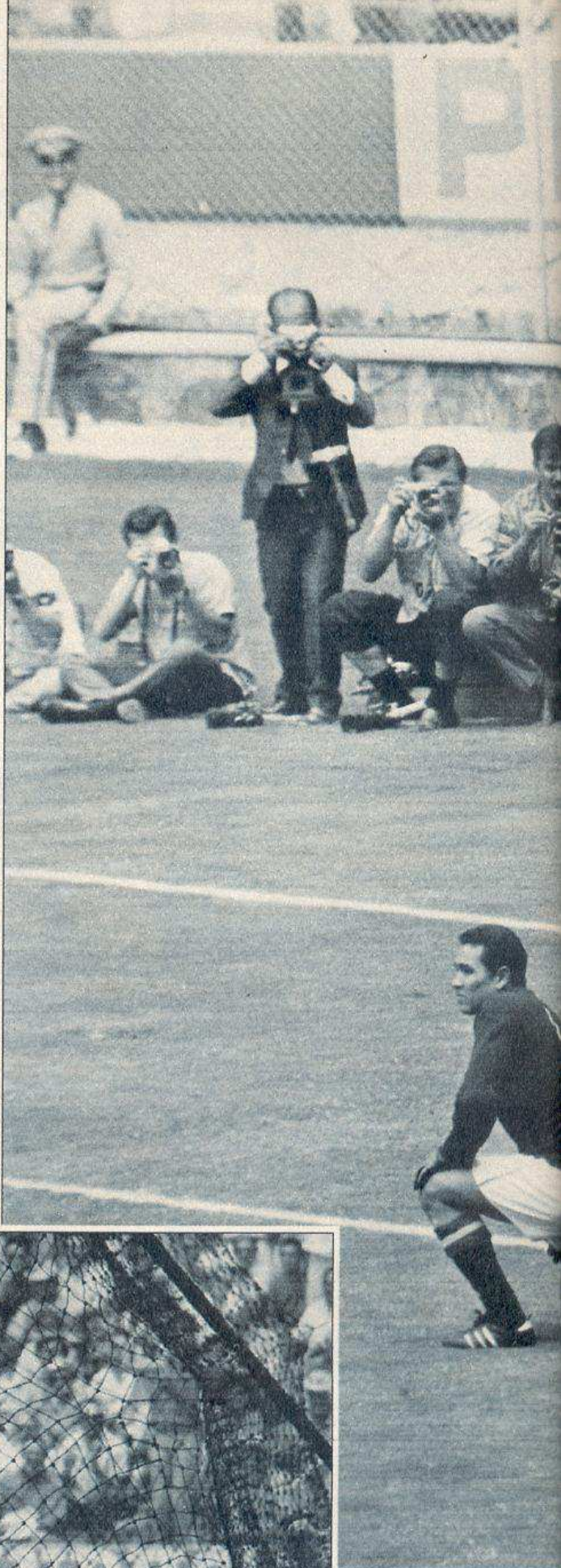
Enquanto Alemanha e Inglaterra se engalfinham na cidade de León revivendo a Final da Copa de 1966, a Seleção Brasileira volta a campo em Guadalajara para enfrentar o Peru. Embora o time peruano — treinado pelo brasileiro Didi — fosse talvez o melhor já montado na história daquele país, a verdade é que a torcida brasileira não o temia. Nos dois amistosos realizados um ano antes, quando a Seleção ainda era treinada por João Saldanha, dera Brasil duas vezes: 2 x 1, no Beira-Rio, e 3 x 2, no Maracanã. Foram partidas agradáveis, de dois times que gostavam mais de atacar do que se defender. O Peru continuava jogando assim; o Brasil, nem tanto. Zagalo conseguira que a Seleção passasse a ter cuidados defensivos, fechando-se atrás sempre que perdia a posse de bola. Gérson e Rivelino estão de volta ao time, que entra no gramado com uma única alteração: Marco Antônio no lugar de Everaldo na lateral-esquerda. Os peruanos,que conseguiram sua vaga para o Mundial eliminando a Argentina na fase classificatória sul-americana, também não têm maiores problemas de escalação. Do meio-de-campo para a frente, eles contam com jogadores de primeira linha: Baylón, Sotil, Mifflin,

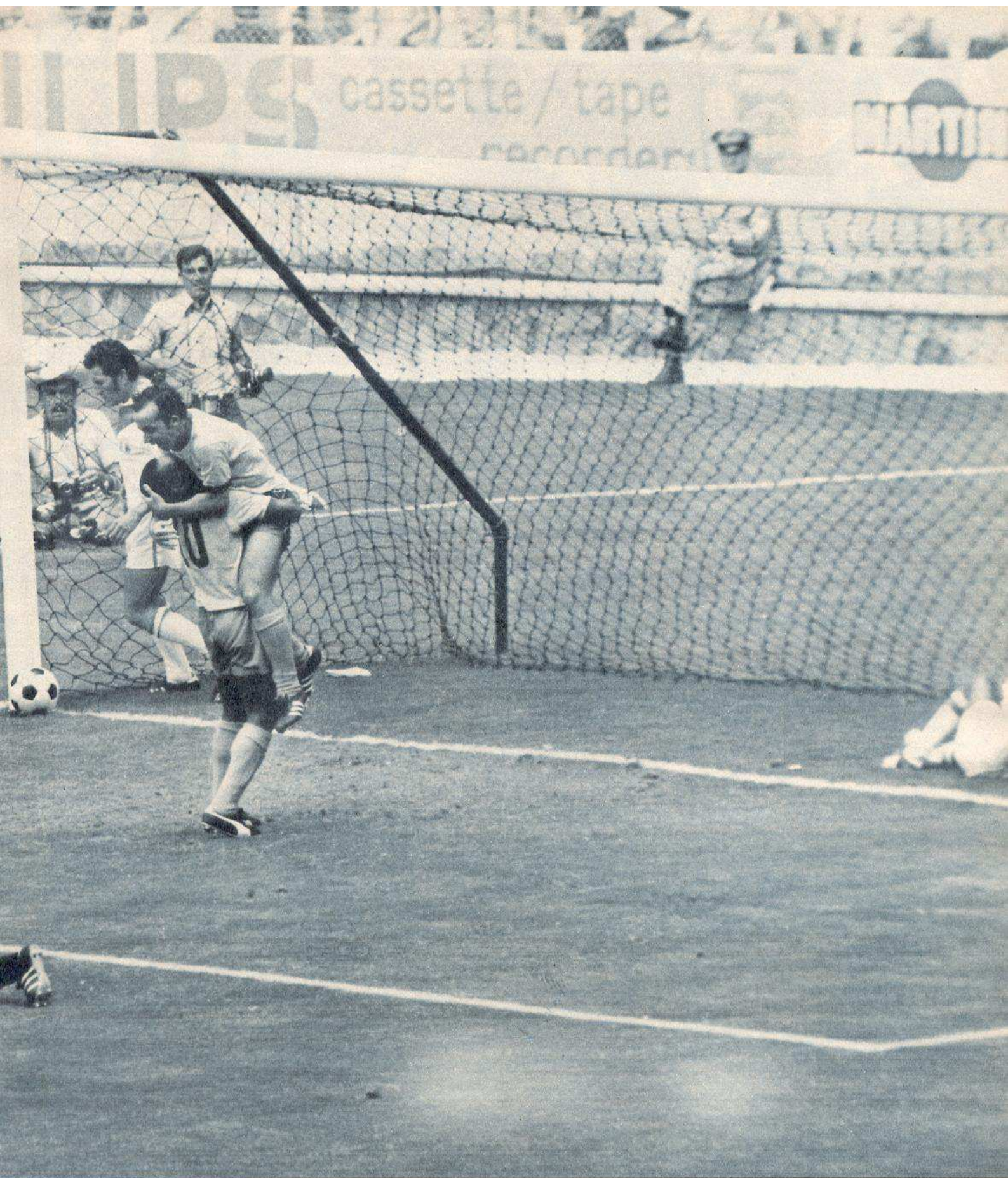
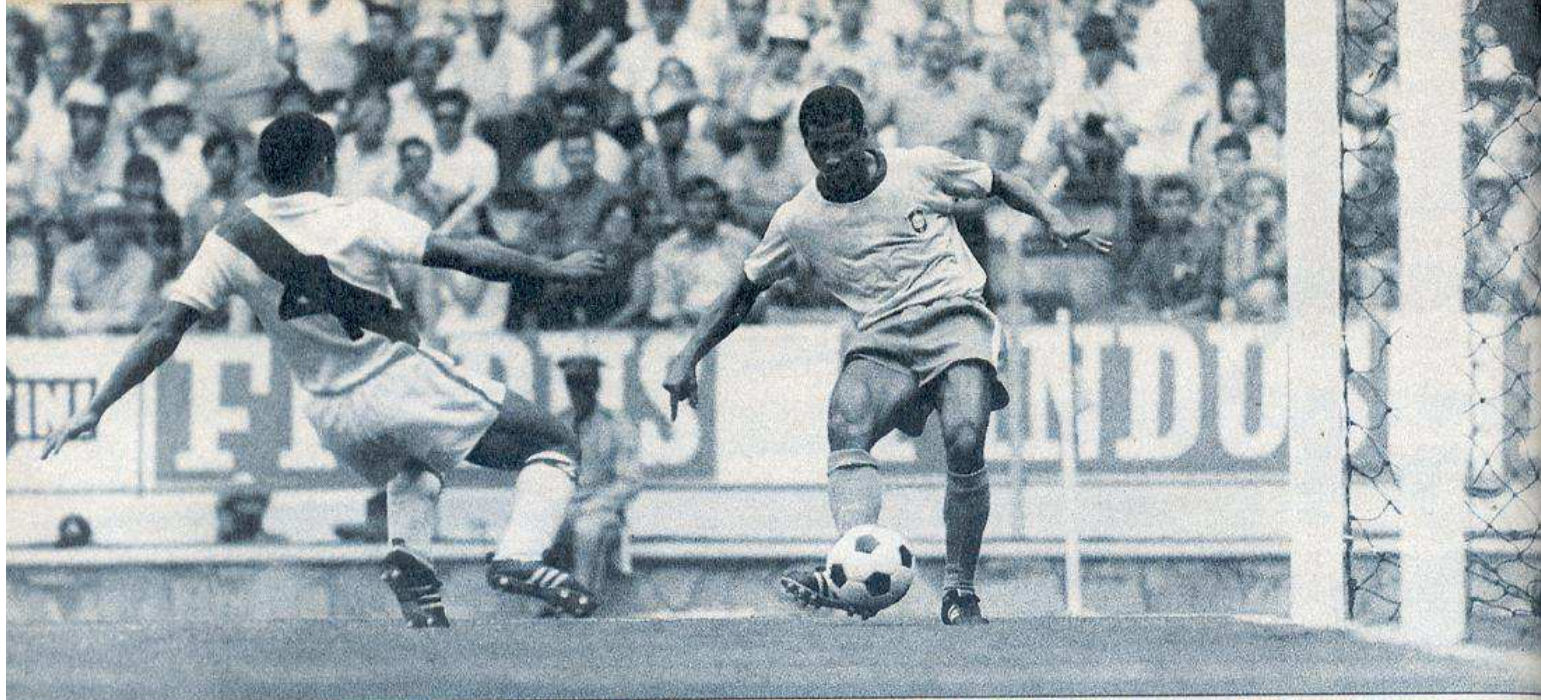
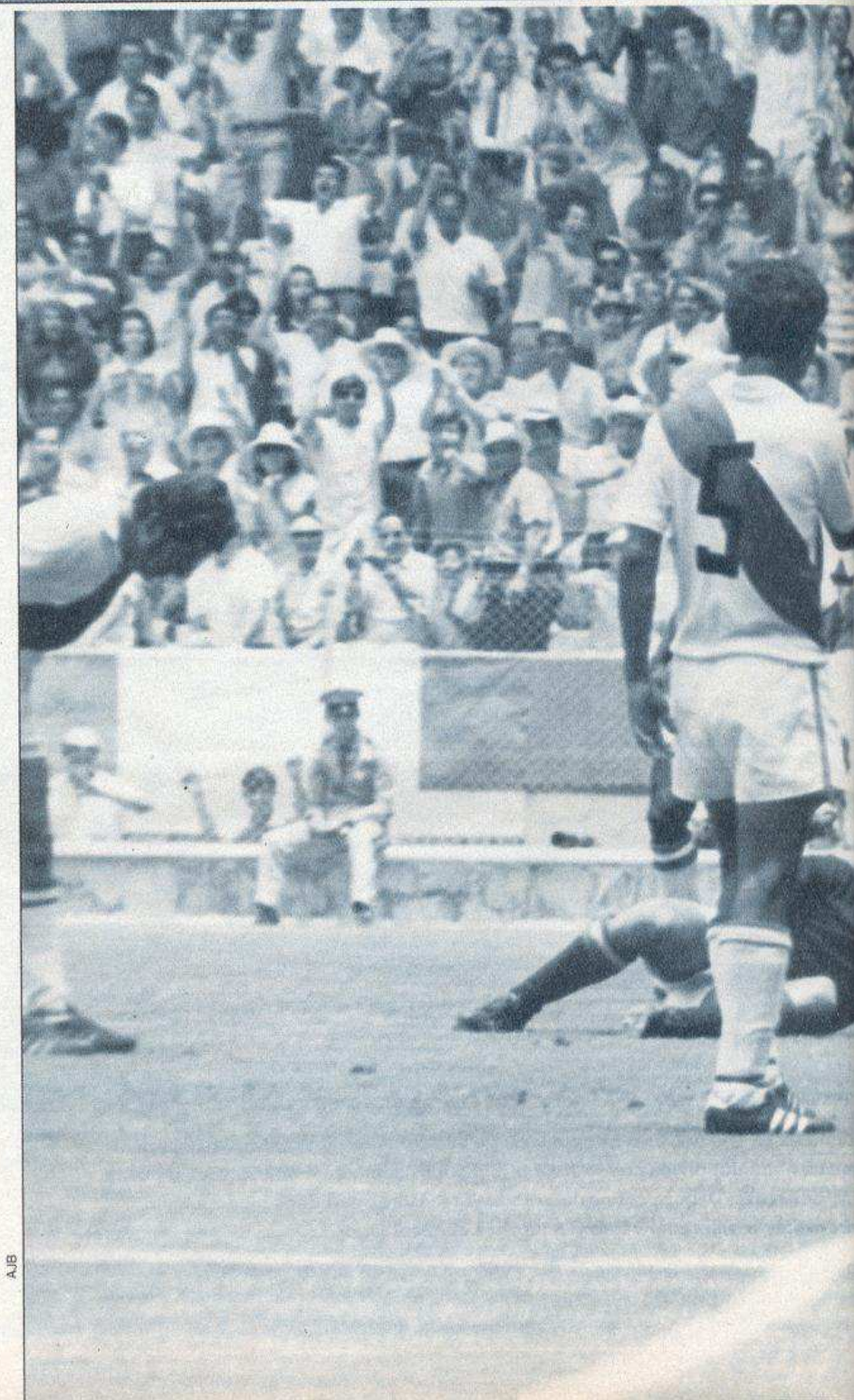
QUARTAS-DE-FINAL

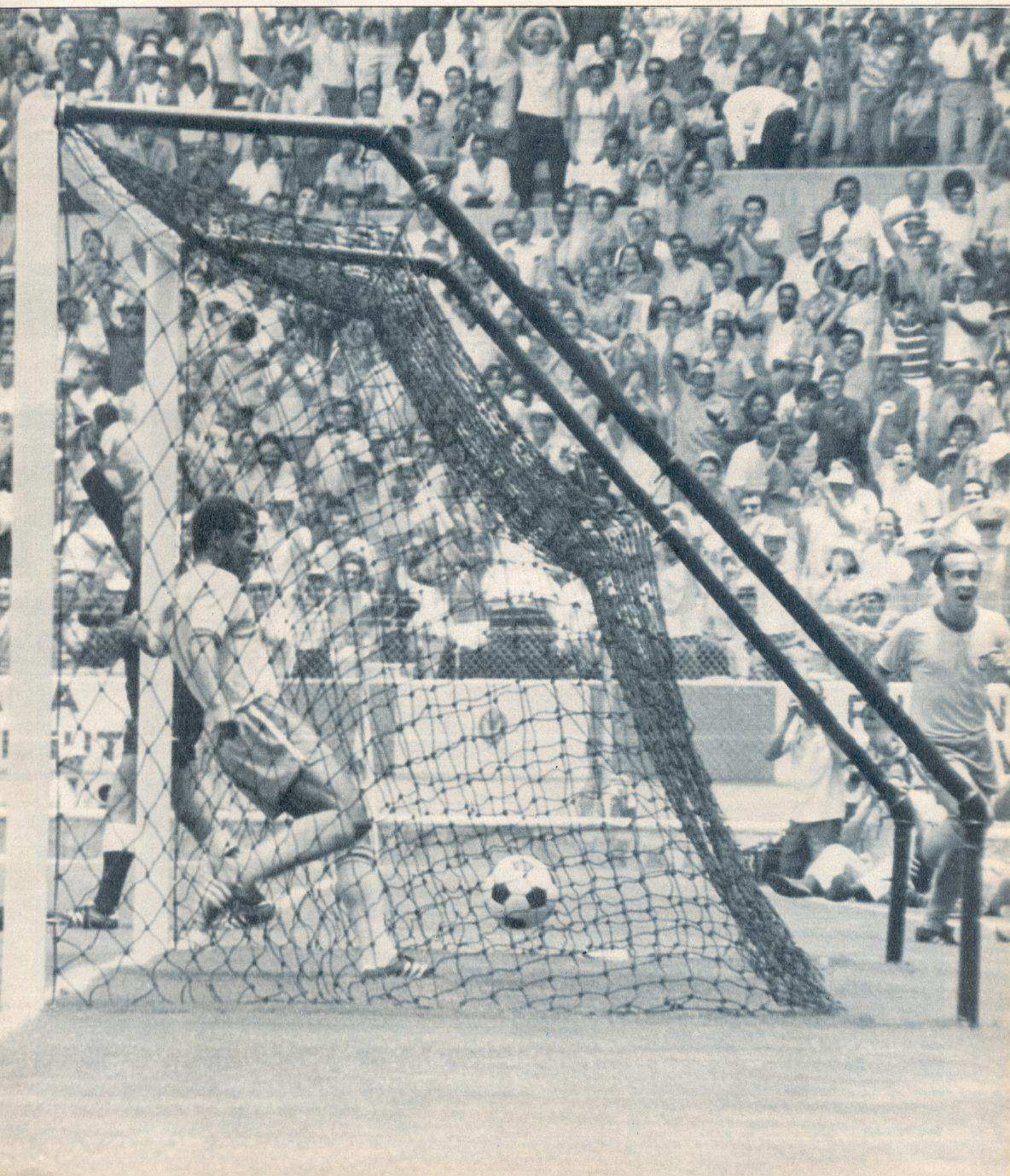
Brasil 4
x
Peru 2

Data: 14/junho/1970; **Local:** Estádio Jalisco (Guadalajara); **Juiz:** Vital Loraux (Bélgica); **Público:** 75 000; **Gols:** Rivelino 11, Tostão 15 e Gallardo 29 do 1º; Tostão 6, Cubillas 25 e Jairzinho 30 do 2º

BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Marco Antônio; Clodoaldo, Gérson (Paulo César Caju) e Rivelino; Jairzinho (Roberto), Pelé e Tostão. **Técnico:** Zagalo

PERU: Rubinos, Eloy Campos, Fernández, Chumpitaz e Fuentes; Challe e Mifflin; Baylón (Sotil), Perico León (Reyes), Cubillas e Gallardo. **Técnico:** Valdir Pereira (Didi)

AJB

ABRIL

Pelé chuta forte, cruzado, e o atrapalhado goleiro Rubinos não consegue segurar. Tostão entra rápido, divide com o zagueiro já sobre a linha e empurra a bola para o fundo das redes. Depois, com os desolados defensores peruanos ainda no chão, o centroavante e o Rei comemoram o terceiro gol brasileiro

Perico León, Cubillas, Gallardo. A defesa, porém, é fraca, a começar pelo desastroso goleiro Rubinos. Não há qualquer surpresa, portanto, quando Rivelino, com um petardo rasteiro desferido de fora da área, abre o marcador logo aos 11 minutos. Tostão amplia aos 15, com um chute da linha de fundo que Rubinos grotescamente aceita. Mas Gallardo, ex-ponta-esquerda do Palmeiras na década de 60, diminui aos 29. Assim como os dois amistosos realizados em 1969, aquela também é uma partida agradável de se assistir: limpa, técnica, ofensiva. Aos 6 do segundo tempo, Pelé chuta cruzado, Rubinos defende parcialmente e Tostão aproveita o rebote para fazer 3 x 1. O Peru não desiste e Cubillas desconta aos 25. Mas antes que o adversário comece a gostar do jogo, Jairzinho fecha a goleada: 4 x 2. Agora não tem jeito. A Seleção já está nas Semifinais. Faltam apenas mais dois jogos, mais duas vitórias, para o Brasil se tornar o primeiro tricampeão mundial de futebol, conquistando para sempre a Taça Jules Rimet. O Mundial do México se torna emocionante em sua reta final. Dos quatro semifinalistas, três são bicampeões e podem conquistar a Taça Jules Rimet definitivamente — Brasil (1958 e 1962), Itália (1934 e 1938) e Uruguai (1930 e 1950) — e um, a Alemanha, é campeão (1954). A briga é, mais do que nunca, de bicho grande.

AJB

O quarto gol brasileiro, marcado por Jairzinho é uma pequena obra de arte: o Furacão da Copa, já no interior da área, livra-se de todos os adversários que surgem à sua frente até conseguir colocar a bola mansamente dentro do gol vazio *(à esquerda)*. Abaixo, Tostão corre por trás da baliza comemorando seu primeiro gol, enquanto Jair chuta apenas pelo prazer de ver a rede estofar

O enterro de um fantasma

Mesmo depois de 20 anos, a derrota de 2 x 1 para o Uruguai na Final da Copa de 1950, ainda não fora absorvida pela torcida brasileira. Aquela Semifinal é a chance que o Brasil tem de lavar definitivamente sua alma. Na frieza dos números, não há o que temer: o time brasileiro é muito superior ao uruguaio. Enquanto a Seleção canarinho chegara ali invicta, marcando 12 gols em quatro jogos, a Celeste parecia se arrastar na competição: na Primeira Fase, empatara sem gols com a Itália, perdera da Suécia de 1 x 0 e ganhara de Israel por 2 x 0; nas quartas-de-final, vencera a hoje extinta União Soviética por 1 x 0, com um gol polêmico, marcado no último minuto. Mas em 1950 o Brasil também era melhor e perdera. É inevitável, portanto, que esse velho fantasma arraste suas correntes pelos porões da memória

SEMIFINAL

Brasil 3 x Uruguai 1

Data: 17/junho/1970; **Local:** Estádio Jalisco (Guadalajara); **Juiz:** Ortiz de Mendibil (Espanha); **Público:** 51 000; **Gols:** Cubilla 19 e Clodoaldo 44 do 1º; Jairzinho 31 e Rivelino 44 do 2º

BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo e Gérson; Jairzinho, Tostão, Pelé e Rivelino. **Técnico:** Zagalo

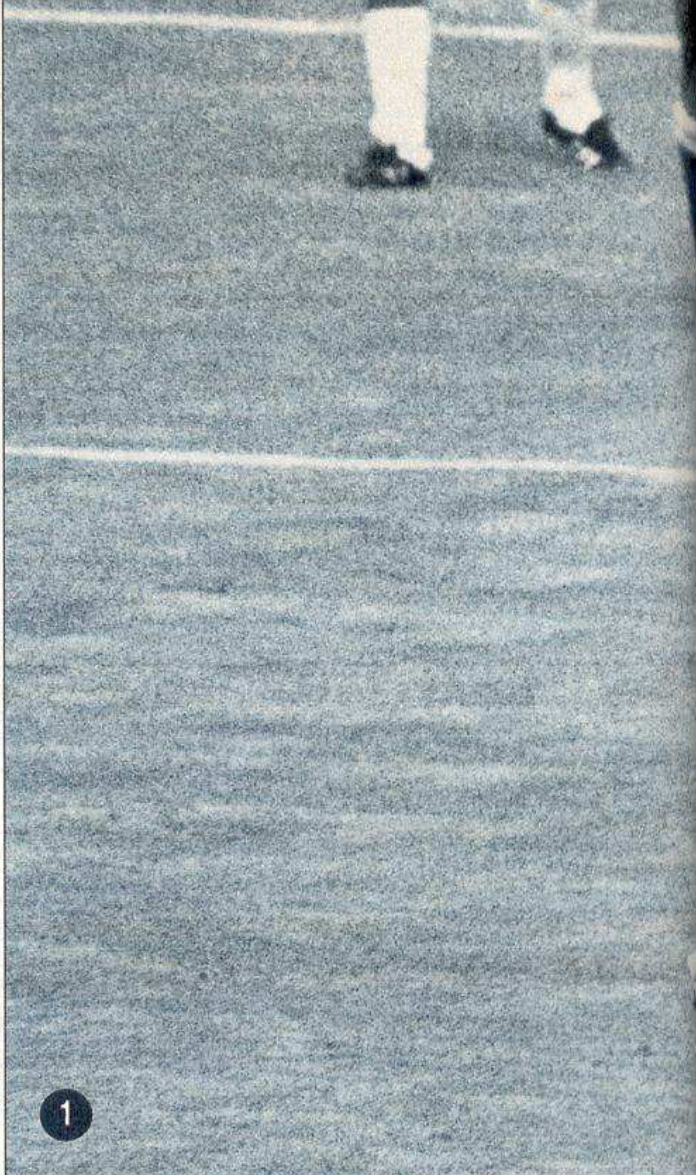
URUGUAI: Mazurkiewicz, Ubiñas, Ancheta, Matosas e Mujica; Montero Castillo e Manero (Esparrago); Cubilla, Cortéz, Fontes e Moralez. **Técnico:** Eduardo Hohberg

O GLOBO

1

2

ABRIL

O GLOBO

O fantasma de 1950 arrasta de novo suas correntes pelos porões da memória nacional. Vencendo por 1 x 0, com um gol espírita de Cubillas, o Uruguai forma um paredão inexpugnável em torno de sua área. Percebendo que não consegue jogar por estar muito bem marcado, Gérson troca então de posição com o volante Clodoaldo, que passa a atuar mais à frente. E é Clodoaldo quem faz o gol de empate com uma bomba de perna direita *(foto 1)* e depois corre para comemorar perseguido por Pelé *(fotos 2 e 3)*

nacional quando a bola rola no Estádio de Jalisco, em Guadalajara. O time canarinho está visivelmente nervoso. Sabendo que os mortais contra-ataques brasileiros nasciam em geral dos lançamentos longos de Gérson, os uruguaios marcam o meia sem trégua. O Brasil, com isso, não consegue furar a monolítica defesa adversária. Numa jogada despretenciosa, aos 19 minutos, o ponta Cubilla "acerta" um chute de canela e engana o goleiro Félix: 1 x 0. A tragédia de 1950 volta forte à lembrança brasileira. O Uruguai fecha-se ainda mais na defesa. Gérson troca de posição com o volante Clodoaldo, que passa a jogar mais adiantado. E é Clodoaldo quem marca o gol de empate no último minuto do primeiro tempo. A segunda etapa continua igual. O Uruguai segura o empate, à espera de um outro gol milagroso. Aos 31, no entanto, Jairzinho recebe ótimo passe de Tostão, invade a área e chuta cruzado: 2 x 1. O paredão defensivo uruguaio desmorona. Os últimos dez minutos são um show verde-amarelo. Pelé passa a fazer jogadas diabólicas, como o drible da vaca em Mazurkiewicz — jogada que se tornou mitológica mesmo sem ter acabado em gol. Aos 44, Rivelino fecha o marcador. A vingança de 1950 está feita. E é doce. Valeu a pena esperar 20 anos por ela.

ABRIL

AJB

A bola vem em diagonal, da esquerda para a direita. Pelé corre. O goleiro Mazurkiewicz abandona o gol. Em cima da linha da grande área, acontece o encontro dos três: Pelé, Mazurkiewicz e a bola. Pelé finge que vai desviá-la para a esquerda. Mazurkiewicz joga o corpo. Pelé deixa a bola seguir, no entanto, pela direita. Gol vazio, Pelé chuta, mas a bola vai caprichosamente para fora. Um lance que se tornou lendário

A conquista da eternidade

Estádio Azteca, Cidade do México, 21 de junho de 1970. De um lado, o Brasil de Pelé, Tostão, Gérson, Rivelino, Jairzinho; do outro, a Itália de Facchetti, Mazzola, Rivera, Gigi Riva. Dois bicampeões mundiais. O vencedor ficará para sempre com a Taça Jules Rimet. Sem chegar a ser brilhante, a Azurra é uma equipe forte, de tradição. Sua campanha até aquela Final foi irregular. Empatou com o Uruguai e Israel (0 x 0 nas duas vezes) e venceu a Suécia por 1 x 0 na Primeira Fase. Nas quartas-de-final, goleou o México por 4 x 1 e, na Semifinal, fez uma das partidas mais dramáticas da história das Copas contra a Alemanha, vencendo por 4 x 3 na prorrogação. O Brasil, ao contrário, é um time de futebol esplendoroso. Sua campanha não deixa dúvidas sobre seu poderio: cinco jogos, cinco vitórias, 15 gols a favor e apenas seis contra. O Estádio Azteca está lotado: 107 000 pagantes. A maioria torce clara e calorosamente pelo time canarinho. No Brasil, os membros dos grupos de esquerda que lutam contra a ditadura militar estão divididos: uma vitória da Seleção ajudará politicamente o Governo Medici e muitos pensam, por isso, em torcer pela Itália. Mas quando o jogo começa, esquecem tudo e formam também "aquela corrente pra frente". A Itália começa a partida plantada atrás, marcando homem-a-homem. Os primeiros quinze minutos são de estudos. Aos 18, Rivelino recebe uma bola ao lado da grande área adversária e dá uma puxeta para a marca do pênalti. Pelé salta com Burgnich, um zagueiro famoso por sua impulsão. Mas Pelé simplesmente coloca meio corpo acima do italiano e cabeceia forte, para baixo. Com 1 x 0, o Brasil chama a Itália para seu campo, procurando abrir espaços para os contra-ataques. Mas, mesmo precisando atacar, a Azurra resiste ao

FINAL

Brasil 4
x
Itália 1

Data: 21/junho/1970; **Local:** Estádio Azteca (Cidade do México); **Juiz:** Rudy Glockner (Alemanha Oriental); **Público:** 110 000 **Gols:** Pelé 18 e Boninsegna 37 do 1º; Gérson 20, Jairzinho 25 e Carlos Alberto 42 do 2º
BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé. **Técnico:** Zagalo
ITÁLIA: Albertosi, Burgnich, Cera, Rosato e Facchetti; De Sisti, Bertini (Juliano) e Mazzola (Rivera); Domenghini, Boninsegna e Riva. **Técnico:** Ferruccio Valcareggi

Em meio à multidão compacta do Estádio Azteca, o capitão Carlos Alberto Torres ergue a Taça Jules Rimet, que o Brasil ganhava de modo definitivo. O tricampeonato mundial conquistado pela Seleção Brasileira no Mundial do México foi a mais empolgante e inquestionável vitória em toda a história das Copas

O GLOBO

convite. O jogo se torna então uma brincadeira de gato e rato. Mas, aos 37, o gato se descuida e o rato pega o queijo. Numa troca de passes na intermediária brasileira, Clodoaldo tenta um passe de calcanhar. Riva rouba-lhe a bola, avança e divide o lance com Félix e Brito. A bola sobra para Boninsegna tocar para o gol vazio. O time brasileiro sente o golpe e passa os últimos oito minutos do primeiro tempo e os primeiros vinte do segundo sem se achar em campo. Até que Gérson acerta um canhotaço da entrada da área e faz 2 x 1. O gato volta a brincar com o rato. O Brasil chama a Itália para o seu campo e a Itália, sem nenhuma outra alternativa, aceita o jogo. É tudo o que Gérson, Pelé e Jairzinho querem. Aos 36, Gérson lança Pelé dentro da área, a mais de 30 metros de distância. Pelé toca de cabeça para Jairzinho. Meio de canela, o Furacão da Copa faz 3 x 1. Brasil tricampeão do mundo. O Azteca explode. A Itália deixa cair a guarda. Faltava, porém, encerrar aquela conquista inédita com um lance de ouro. E ele começa com Clodoaldo ainda na intermediária brasileira. O volante livra-se de cinco italianos e toca para Gérson, daí para Jairzinho na esquerda. Ele fecha pelo meio e dá para Pelé. Que pára e espera Carlos Alberto Torres entrar livre pela direita. O chute sai perfeito. Brasil 4 x Itália 1. O resto é festa, inesquecível festa. Tostão deixa o campo só de sunga. Pelé é levado em triunfo pela multidão. Rivelino chora. Torres ergue a taça. São cenas que ficarão para sempre, pois naquele 21 de junho o Brasil conquistou a eternidade.

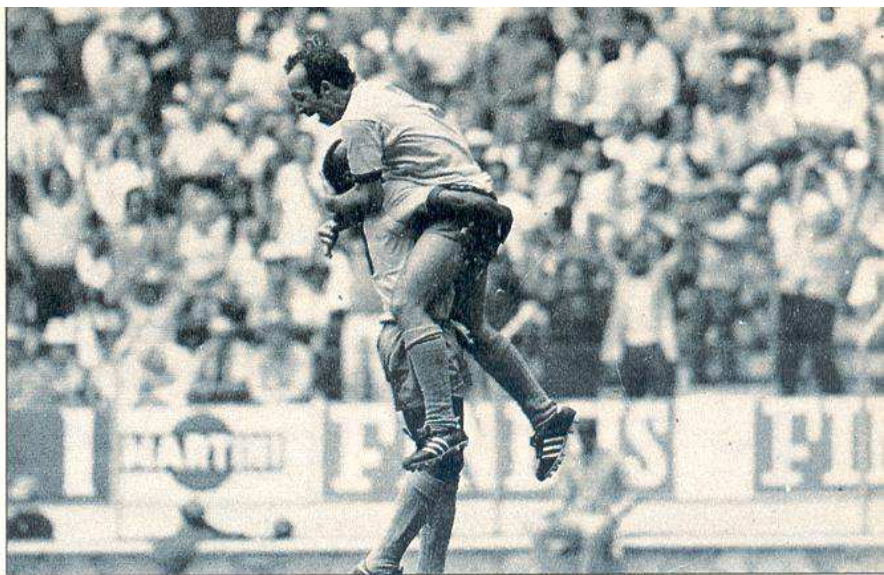
O GLOBO

AJB

Bola no fundo das redes, defesa italiana desolada, Jairizinho, o Furacão da Copa, corre para nova festa verde-amarelo nos gramados do México. Era o terceiro gol do Brasil. Pelé *(ao lado)* queria mostrar ao mundo que não estava acabado e, como fez em toda a Copa, também desequilibrou na Final. Rivelino *(página ao lado)* foi outro que ajudou a deixar os italianos de quatro

EMYR MARTINS

A festa do tri teve acima de tudo a marca da paixão. A paixão de uma geração, que embora tecnicamente privilegiada, sabia que não há vitórias sem coração. É isso que primeiro chama a atenção em cada foto da comemoração do título. Ela, a paixão, pode ser percebida tanto no abraço coletivo que os companheiros dão em Pelé, como também no abraço individual que o Rei dá em Tostão, ou ainda no rosto de Pelé sendo carregado pela multidão. Só podia mesmo acabar em taça, a Taça Jules Rimet que o capitão Carlos Alberto Torres ergue para mostrar ao mundo

SEBASTIÃO MARINHO/ABRIL

1962

A vitória d

Nunca na história das Copas um jogador foi tão decisivo para a conquista de um título como Garrincha, em 1962 — o ano em que o anjo de pernas tortas reinventou o futebol

drible
20

Sob os efeitos da ressaca

O Brasil de 1962 não é o mesmo de 1958. Quatro ano após a conquista do primeiro título mundial, o país está paralisado por uma espécie de ressaca. Da euforia vivida durante o Governo Juscelino Kubitschek e seu plano de desenvolvimento acelerado — os famosos 50 anos em cinco, que renderam a construção de Brasília a partir do nada e a implantação de um parque industrial moderno —, pouco resta. Ao contrário, o futuro parece incerto. Jânio Quadros renunciou um ano antes, jogando o país no atoleiro político que acabará com a tomada do poder pelos militares em 1964. É sob esse clima de angústia nacional que a Seleção embarca para tentar o bicampeonato no Chile. A maioria dos 22 jogadores inscritos havia participado da campanha de 1958, com a diferença de que estavam quatro anos mais velhos. E isso também ajuda a esfriar o ânimo da torcida, pois é como assistir a uma nova versão de um filme já visto. Mesmo fora do Brasil, a Seleção não empolga. "O Brasil joga bom futebol, mas sua equipe está quatro anos mais cansada, quatro anos mais viciada num sistema de jogo que todos conhecem", diz Helenio Herrera, técnico da Espanha. A estréia contra o México mostra que tanto a torcida como Herrera tinham razão em sua falta de entusiasmo. No primeiro tempo, com os mexicanos trancados na defesa, o Brasil mostra-se um time desentrosado, apático, sem criatividade. Resultado: um 0 x 0 tedioso. Na segunda etapa, porém, a equipe melhora, passa a forçar mais. Garrincha, aos 11, dribla dois adversários e dá para Zagalo marcar seu único gol naquele Mundial. Aos 27, Pelé engana quatro zagueiros e chuta para fazer 2 x 0. Com a vitória garantida, o time passa o resto do tempo tocando a bola. Ainda não era daquela vez que a Seleção incendiaria a torcida.

OITAVAS-DE-FINAL
1º JOGO

Brasil 2
x
México 0

Data: 30/maio/62; **Local:** Estádio Sausalito (Viña del Mar) : **Juiz:** Gottfried Dienst (Suíça); **Público:** 10 484; **Gols:** Zagalo 11 e Pelé 27 do 2º
BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo. **Técnico:** Aymoré Moreira
MÉXICO: Carbajal, Del Muro, Cardenas, Sepúlveda e Villegas; Najera e Jasso; Del Aguilla, Reyes, Hernández e Diaz. **Técnico:** Ignácio Trellez/Alejandro Scopelli

O GLOBO

AJB

A opinião geral é de que o time brasileiro, praticamente o mesmo da Copa de 1958, está velho, cansado, burocratizado. No primeiro tempo da estréia contra o México, a Seleção dá razão a seus críticos. Na segunda etapa, porém, a equipe cresce, força em cima da retranca mexicana e chega à vitória com facilidade. Acima, o primeiro gol: a bola chutada por Zagalo passa pelo goleiro Carbajal, enquanto Vavá acompanha o lance, que teve início numa jogada individual de Garrincha

País chora a dor de Pelé

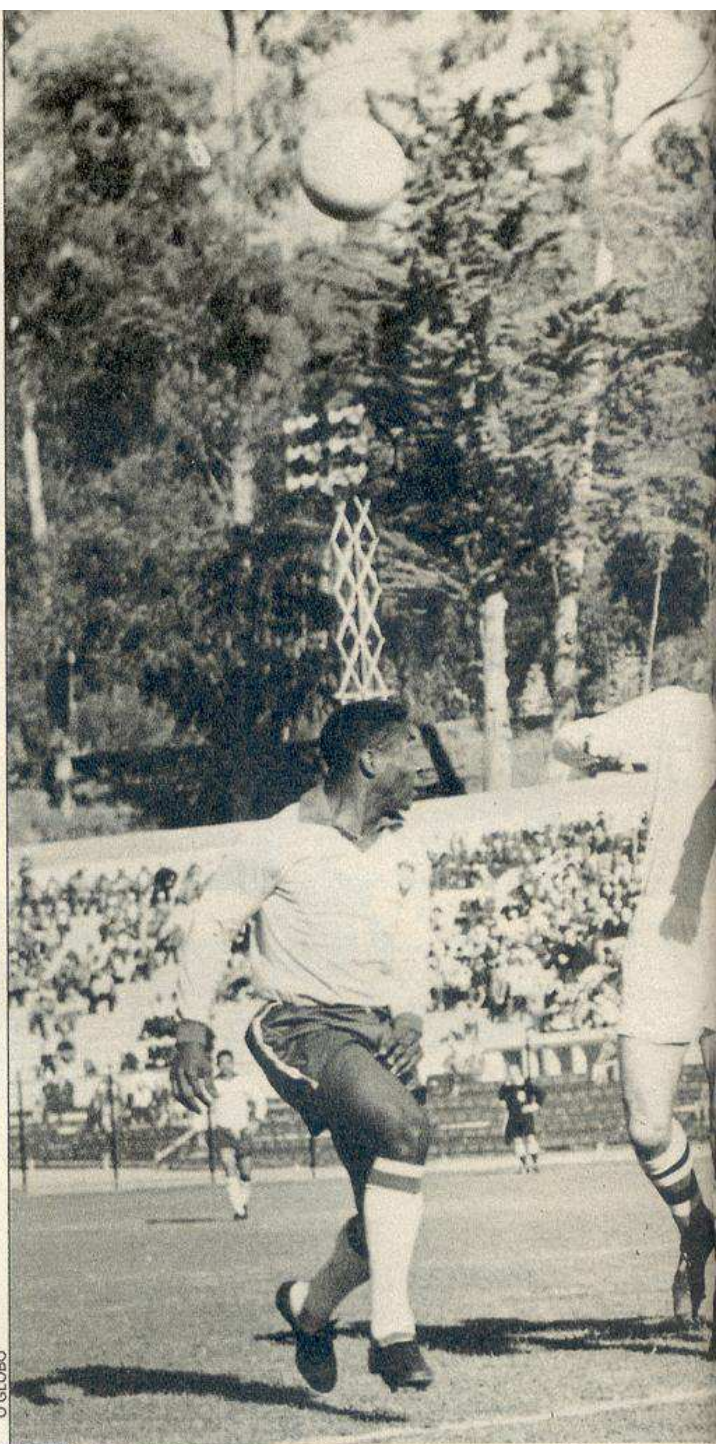
Embora sofra as primeiras pressões para modificar a equipe ainda no vestiário depois da partida com o México, o técnico Aymoré Moreira se mostra firme: "Não mudaremos o time até o final da Copa." Às vésperas do Mundial, ele barrara Bellini, o capitão de 1958, porque Mauro deixara claro que não aceitaria a reserva de novo. É assim, com a mesma escalação da estréia, que a Seleção entra em campo para enfrentar a Checoslováquia, que vencera a Espanha por 1 x 0 em seu primeiro jogo. Os checos formam uma boa equipe — técnica, forte, aguerrida. A partida começa equilibrada, com os dois times preocupados principalmente em exercer uma marcação eficiente por todo o gramado. O maior problema que a Seleção Brasileira encontra no adversário chama-se Masopust, um meio-campista de grande talento na armação das jogadas de seu ataque. Já os checos temem, sobretudo, a genialidade de Pelé e Garrincha, jogadores que podem decidir um jogo em um único lance imprevisível. A marcação sobre eles é limpa, mas implacável. Garrincha encontra grandes dificuldades para vencer o lateral Novak, que recebe a cobertura do zagueiro Popluhar. Pelé, sempre vigiado de perto por Pluskal e Masopust, também não consegue ameaçar o gol defendido por Schroif. Mas a Checoslováquia também não consegue criar situações de perigo para Gilmar. Aos 28, num lance isolado, Pelé recebe passe de Didi, avança até a entrada da área adversária e chuta forte. Enquanto a bola sai sem direção, Pelé leva as mãos à virilha. É uma fisgada que dói no Brasil inteiro. Pelé está fora da Copa. O jogo prossegue no mesmo ritmo e termina em 0 x 0. Mas a preocupação da torcida é muito maior: que será da Seleção agora sem o Rei? É com essa pergunta na cabeça que o país vai para a cama na noite de 2 de junho de 1962.

OITAVAS-DE-FINAL
2º JOGO

Brasil 0
x
Checoslováquia 0

Data: 2/junho/62; **Local:** Estádio Sausalito (Viña del Mar); **Juiz:** Pierre Schwinte (França); **Público:** 14 903

BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo. **Técnico:** Aymoré Moreira

CHECOSLOVÁQUIA: Schroif, Lala, Pluskal, Popluhar e Novak; Masopust e Scherer; Stibranyi, Knosnak, Adamec e Jelinek. **Técnico:** Rudolf Vytlaçil

O GLOBO

AJB

AJB

Brasil e Checoslováquia fazem um bom jogo. Didi está bem marcado e Vavá e Pelé, no ataque, também encontram dificuldades. Mas, aos 28 minutos, começa o drama brasileiro: Pelé deixa o campo e a Copa amparado pelo técnico Aymoré Moreira. A partir daí, a partida perde o interesse para a torcida, que se pergunta aflita: que será da Seleção agora sem o Rei?

O Brasil decola para o bi

Nunca uma Seleção Espanhola mereceu tanto ser chamada de *Furia* como aquela de 1962, formada por jogadores da mais fina linhagem: Santamaria, Del Sol, Puskas, Gento, Collar. E o Brasil tinha um encontro marcado com ela no Estádio Sausalito, em Viña del Mar, no dia 6 de junho, quando sua classificação para as quartas-de-final seria decidida. Na véspera, o técnico Aymoré Moreira confirmara que Amarildo seria o substituto de Pelé. Os dois times entram em campo e é como se aquele fosse o primeiro jogo do Brasil no Mundial. A torcida acorda, cola o ouvido no rádio e escuta... Escuta um jogo tenso, difícil, dramático. A bola queima os pés de um time tão experiente como o brasileiro. A Espanha marca 1 x 0. Nílton Santos faz pênalti em Collar, mas malandramente dá um passo para fora da área. O juiz cai na conversa. Se a *Furia* tivesse feito 2 x 0... A Seleção volta diferente no segundo tempo. E vai para cima. Garrincha fica impossível, enlouquece os espanhóis com seus dribles. Aos 27, numa jogada sua, Amarildo empata. Aos 40, em outra jogada sua, Amarildo marca o gol da vitória. A Espanha não tem nem tempo nem ânimo para reagir. A torcida sai de sua letargia e entra no clima da Copa. O Brasil finalmente decola para o bi.

OITAVAS-DE-FINAL
3º JOGO

Brasil 2 x Espanha 1

Data: 6/junho/ 1962; **Local:** Estádio Sausalito (Viña del Mar); **Juiz:** Sérgio Bustamante (Chile); **Público:** 18 715; **Gols:** Adelardo 35 do 1º; Amarildo 27 e 40 do 2º
BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo. **Técnico:** Aymoré Moreira
ESPANHA: Araquistain, Rodri, Echevarria, Pachín e Gracia; Vérges e Peiró; Collar, Adelardo, Puskas e Gento. **Técnico:** Hernández Coronado/Helenio Herrera

ABRIL

O GLOBO

ABRIL

O GLOBO

Dramático. O adjetivo define com perfeição o jogo entre Brasil e Espanha. A Seleção vira o primeiro tempo perdendo de 1 x 0 e só chega à vitória, já nos minutos finais, conduzida pelas pernas tortas de Garrincha. Em duas jogadas suas, Amarildo, o substituto de Pelé, marca os gols da virada brasileira *(na sequência, o segundo gol)*. É a primeira vez que a torcida se emociona e sente que o bi está de fato a caminho

O nascimento da lenda

Desde que o jogo contra a Checoslováquia terminara, Garrincha vinha estranhando a deferência com que passou a ser tratado por todos. Sempre que um membro da comissão técnica ou mesmo um outro jogador cruzava com ele pelos corredores da concentração vinha a inevitável pergunta: "Tudo bem, Mané?" Garrincha podia ser ingênuo, mas não era bobo. Percebia claramente que esse repentino interesse tinha como causa a contusão de Pelé, até então o principal depositário das esperanças brasileiras de chegar à sua segunda conquista mundial. Quando lhe perguntavam "tudo bem, Mané?", ele sabia que na verdade estavam lhe dizendo "Pelé está fora, agora é contigo, você precisa jogar por ele e por você." Só uma coisa Garrincha não conseguia entender: como ser também Pelé jogando fixo na ponta-direita? Para poder suprir a ausência do Rei, ele precisava de liberdade para correr pela direita, pela esquerda, pelo meio — onde lhe desse na veneta. Essa era a principal preocupação de Garrincha antes do jogo contra a Inglaterra, pelas quartas-de-final: como fazer para jogar por ele e por Pelé? Já os jogadores e a comissão técnica achavam que o problema de Mané poderia ser facilmente resolvido com uma boa sacudidela psicológica. Para mexer então com seus brios, disseram-lhe que o lateral inglês Flowers andara falando pelos jornais que não o deixaria fazer nada durante a partida. Foi uma maldade o que fizeram com o pobre Flowers e com toda a defesa inglesa. Porque Garrincha entrou em campo disposto a acabar com qualquer jogador vestido de branco que surgisse à sua frente. Começa o jogo e tome drible. Dribles em Flowers, em Norman, em Wilson, em Bobby Moore. Mané está ensandecido. Corre pela direita, pela esquerda, pelo meio. Do banco, o técnico Aymoré Moreira grita: "Fica na ponta para segurar o zagueiro." Garrincha finge que não é com ele.

QUARTAS-DE-FINAL

Brasil 3
x
Inglaterra 1

Data: 10/junho/1962; **Local:** Estádio Sausalito (Viña del-Mar); **Juiz:** Pierre Schwinte (França); **Público:** 17 736; **Gols:** Garrincha 32, Hitchens 38 do 1º; Vavá 8 e Garrincha 14 do 2º
BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo. **Técnico:** Aymoré Moreira
INGLATERRA: Springett, Armfield, Bobby Moore, Wilson e Flowers; Norman e Haynes; Douglas, Greaves, Hitchens e Bobby Charlton. **Técnico:** Walter Winterbottom

O GLOBO

1

2

3

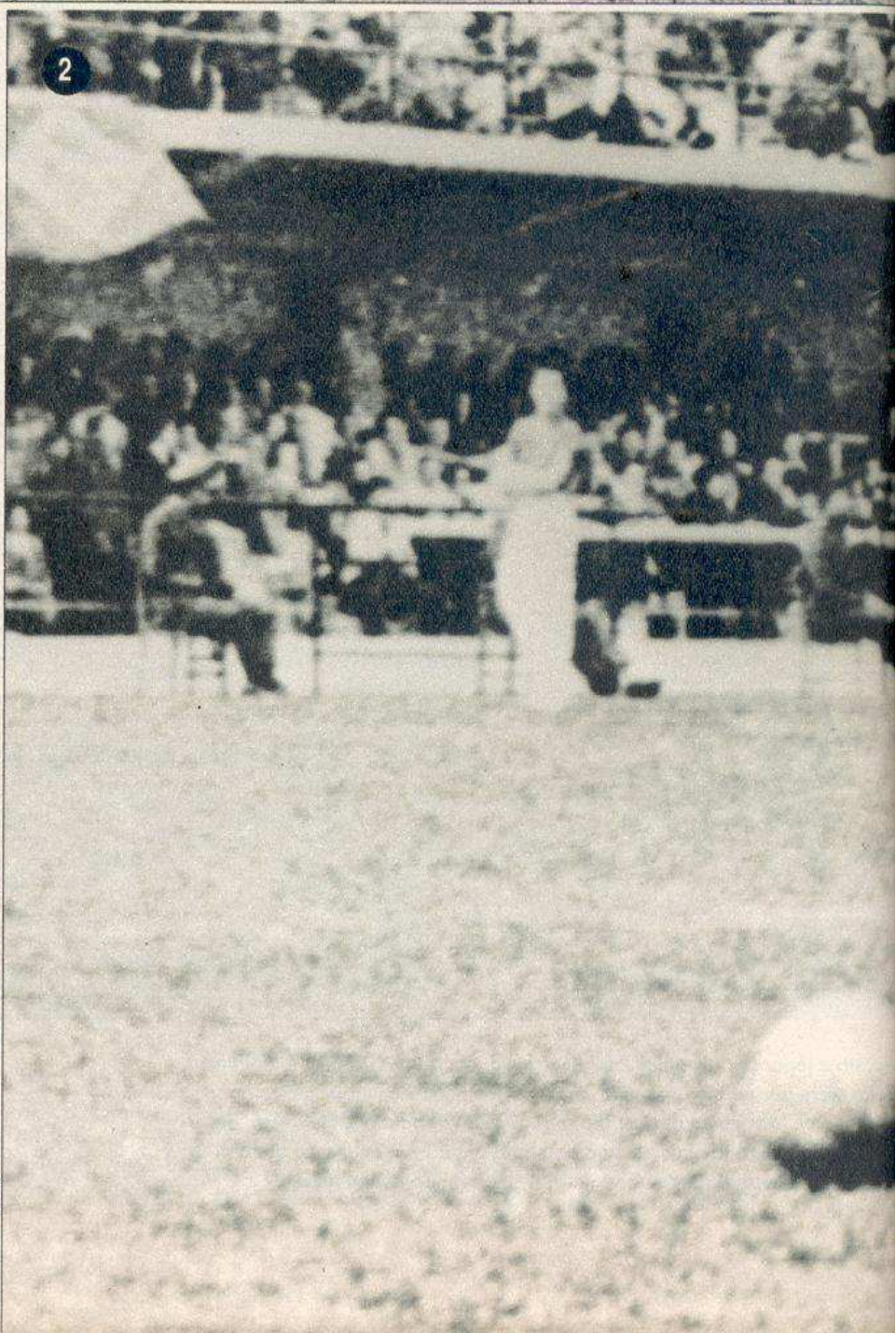
ABRIL

Disposto a jogar por ele e por Pelé, Garrincha faz de tudo contra a Inglaterra. Dribla, corre por todo o ataque, marca um gol de cabeça e outro com a mais legítima "folha-seca". Mas quem desempata a partida é Vavá *(fotos)*. Ele aproveita a rebatida do goleiro, depois de uma bomba de Mané em cobrança de falta, para mandar de cabeça a bola pela segunda vez ao fundo das redes inglesas

1

2

E tome drible. E tome gols. Aos 32, marca o primeiro de cabeça — logo ele que desde menino detestava cabecear —, mas a Inglaterra empata seis minutos depois. Aos 8 do segundo tempo, Mané cobra uma falta com tanta violência que a bola explode no peito do goleiro e sobra limpa para Vavá. Aos 14, recebe passe de Amarildo pela meia esquerda e enfia o pé, de primeira. A bola faz uma curva infernal e entra no ângulo. Ao abraçar Didi, Garrincha brinca: "Viu, não é só você que sabe chutar assim." Falta ainda meia hora para acabar o jogo, e cada minuto tem o peso da eternidade para os zagueiros ingleses. Garrincha não sossega. Dribla, dribla, dribla. "Preparamos nossos rapazes durante quatro anos para enfrentar times de futebol. Não esperávamos um jogador como Garrincha", queixa-se o técnico inglês Walter Winterbotton no vestiário. É naquela tarde de inverno em Viña del Mar que Mané recebe o batismo da lenda e se torna um gigante, um terrível demolidor de defesas, um demônio que enlouquece os adversários com suas jogadas imprevisíveis. Para o Brasil, no entanto, ele continua apenas um anjo. Um anjo torto que faz a torcida rir e leva o país a acreditar ser simplesmente impossível não erguer de novo a taça de campeão do mundo.

ABRIL

Depois que o time perdeu Pelé, os jogadores sabiam que o caminho do título passava obrigatoriamente pelas pernas tortas de Garrincha. Então, para mexer com os brios de Mané, eles garantiram que o lateral Flowers falara aos jornais que não o deixaria andar em campo. Coitado de Flowers: pagou caro pelo que nunca disse

ABRIL

Ah, Garrincha, Garrincha...

Antes da Copa, computadores previam em Moscou que a URSS seria a campeã. Como a infalibilidade daqueles novos prodígios tecnológicos era inquestionável, os soviéticos passaram a ser os grandes favoritos. Assim, quando sua Seleção desmontou o mito soviético com uma vitória de 2 x 1, o Chile foi ao delírio. Se seu time fora capaz até de derrotar os "cérebros eletrônicos" de Moscou, não seria o Brasil que lhe barraria o caminho. Na tarde de 13 de junho, a delegação brasileira entra no Estádio Nacional, que recebe o público recorde na Copa: 72 896 pessoas barulhentas, apaixonadas, certas da vitória. Para azar delas, porém, Garrincha descobrira contra os ingleses as delícias que existiam na parte central do campo. "É muito bom jogar por ali. A gente recebe um monte de bola", dizia. A partida começa. Mané tem pelo menos três chilenos na marcação. Para escapar dessa vigilância, ele não pára. Aos 9, faz 1 x 0 com um chute de perna esquerda, perna que sempre usou apenas como apoio. Mais tarde, Garrincha explicaria o gol: "A bola veio para a esquerda e eu não chuto bem de esquerda, mas não dava para trocar de pé. Então chutei de esquerda fazendo de conta que era de direita." O Chile tenta equilibrar o jogo à base do entusiasmo. É pouco. Apesar de marcado com violência pelo lateral Eládio Rojas, Garrincha faz uma das mais incríveis apresentações individuais da história dos Mundiais. É dele também o segundo gol — de cabeça, aos 32. O Chile desconta no final do primeiro tempo. Logo no reinício do jogo, Garrincha cruza para Vavá fazer 3 x 1. Mais uma vez, os chilenos diminuem. E mais uma vez Vavá aumenta. Quatro minutos depois, cansado de apanhar, Garrincha aplica um chute no traseiro de Rojas. Mais que violenta, a cena foi cômica. Mas Mané é expulso — pela primeira e única vez em sua carreira. O Brasil fica a um passo de seu segundo título.

SEMIFINAL

Brasil 4 x Chile 2

Data: 13/junho/1962; **Local:** Estádio Nacional (Santiago); **Juiz:** Arturo Yamazaki (Peru); **Público:** 76 594; **Gols:** Garrincha 9 e 32, Toro 41 do 1º; Vavá 3, Leonel Sánchez (pênalti) 16 e Vavá 32 do 2º; **Expulsão:** Garrincha e Landa

BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo. **Técnico:** Aymoré Moreira

CHILE: Escutti, Eyzaguirre, Contreras, Raul Sánchez e Rojas; Rodrígues e Tobar; Ramírez, Toro, Landa e Leonel Sánchez. **Técnico:** Fernando Riera

O GLOBO

ABRIL

Jogo contra um dono da casa empolgado, como o Chile da Semifinal, exige valentia, e Amarildo mostra a determinação de sempre. Mas, ainda mais importante para a vitória brasileira do que a coragem e a fibra, é a atuação deslumbrante de Mané Garrincha — uma das mais perfeitas apresentações individuais de toda a história dos Mundiais

O GLOBO

O Estádio Nacional de Santiago recebe na Semifinal um público recorde na Copa. São 72 896 pessoas que assistem às boas atuações de Didi e Zagalo no meio-campo *(à direita)* e de Vavá no ataque brasileiro *(à esquerda)*. Com isso, o Brasil domina a partida e faz os gols no momento em que precisa, como o de Vavá *(foto maior)*, marcado quando o Chile, empurrado pela torcida, tentava apertar

A arte de ser brasileiro

Como ganhar da forte Checoslováquia, na Final, sem Pelé, machucado, e sem Garrincha, suspenso? Essa era a pergunta que jogadores, comissão técnica e torcida se faziam quase à beira do pânico logo após a vitória sobre o Chile. Nos dias seguintes, os dirigentes convenceram a FIFA a absolver Mané. No entanto, um vírus comum de gripe não pôde ser convencido pelos cartolas brasileiros. Assim, com 39 graus de febre, lá está Garrincha em campo. Os checos não sabem disso e colocam os três homens de praxe para marcá-lo. É uma partida bonita, de alto nível técnico. Aos 15, Masopust faz Checoslováquia 1 x 0. Amarildo, no entanto, empata no minuto seguinte. Não há mais gols no primeiro tempo, mas ainda assim a torcida chilena gosta do espetáculo e aplaude os dois times. Sem poder contar com Garrincha em sua plenitude física, o Brasil encontra dificuldades para chegar ao gol de Schroif até que, aos 24 do segundo, Amarildo escapa pelo lado esquerdo, dá um drible seco em seu marcador e cruza para a testada de Zito. Liderada pelo notável Masopust, a Checoslováquia não se entrega. Corre, luta, tenta jogadas ofensivas. Mas o time tem um problema de difícil solução: embora precise atacar com mais gente, prende até três jogadores sobre Garrincha. Mané diverte-se com o dilema checo. Sem poder correr por causa da gripe, passara o jogo todo apenas balançando o corpo diante dos marcadores, que chegavam a formar uma fila bem comportada à sua frente. "Fiquei fingindo o tempo todo", lembraria às gargalhadas anos depois. Aos 33, Djalma Santos dá um chute alto em direção à área adversária. Schroif, o bom goleiro checo, atrapalha-se e deixa a bola cair nos pés de Vavá. É gol, é o bi. A torcida comemora aquela hegemonia que parecia ser inabalável. Ser brasileiro era uma arte.

AJB

FINAL

Brasil 3 x Checoslováquia 1

Data: 17/junho/1962; **Local:** Estádio Nacional (Santiago); **Juiz:** Nicolai Latishev (URSS); **Público:** 69 068; **Gols:** Masopust 15 e Amarildo 16 do 1º; Zito 24 e Vavá 33 do 2º
BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo. **Técnico:** Aymoré Moreira
CHECOSLOVÁQUIA: Schroif, Tichy, Pluskal, Popluhar e Novak; Masopust e Scherer; Pospichal, Kadraba, Kvosnak e Jelinek. **Técnico:** Rudolf Vytlacil

O GLOBO

Fim de jogo contra a Checoslováquia, os jogadores brasileiros — Garrincha, Zagalo, Zito e Didi *(à esquerda)* — erguem os braços comemorando a conquista do bicampeonato mundial. Garrincha *(abaixo acompanhando de perto uma defesa do goleiro Schroif)*, mesmo com febre de 39 graus, teve participação decisiva na vitória final ao obrigar o time checo a ficar atrás para marcá-lo

O mundo achava que já havia visto tudo em decisões de Copa — partidas sempre nervosas, tensas, sem humor. O mundo estava errado. Garrincha transformou a Final contra a Checoslováquia em um show chapliniano. Em lugar de roer unhas, o torcedor ria com aquele Carlitos de pernas tortas que obrigava seus marcadores a andarem para lá e para cá sem nenhum outro objetivo que não a alegria de criança com uma bola nos pés. Quando o espetáculo acabou, o capitão Mauro foi para o centro do gramado erguer a taça, compenetrado como exigia o momento solene

1958

A alma brasileira parecia que jamais encontraria cura para a derrota diante do Uruguai, em 1950. Mas, oito anos depois, uma geração genial conquista longe da pátria o primeiro título mundial

A taça do mu

Djalma Santos, Pelé Garrincha: explosão de alegria brasileira na Suécia

ABRIL

O sonho numa folha seca

É um chute que, por muitos motivos, merece estar num lugar de honra na história do futebol brasileiro. Primeiro, pelo ineditismo do próprio chute, que faz a bola passar mansamente por cima da barreira formada pelos jogadores peruanos para, em seguida, despencar repentinamente, quase que em uma linha reta, dentro do gol do Peru. A única reação do perplexo goleiro Asca é acompanhar a queda abrupta da bola com os olhos. Não há nenhum exagero em dizer que essa surpreendente trajetória traçada pela bola lembra a traseira *hatch back* dos automóveis modernos. Como em 1957, porém, os tempos são mais românticos e menos tecnológicos, esse novo tipo de chute criado pelo meia Didi acaba sendo batizado de "folha seca", por lembrar — segundo o elegante estilo literário utilizado pelos cronistas esportivos da época — "a queda indecisa de uma folha numa tarde de outono." Mas, nesta tarde de 21 de abril de 1957, o que os milhares de torcedores presentes ao Maracanã não podem imaginar é que esse chute marca também o passo inaugural da epopéia do tetracampeonato mundial. Depois de ter empatado em 1 x 1 na primeira partida das Eliminatórias contra o próprio Peru, em Lima, a Seleção Brasileira, então treinada pelo falecido Osvaldo Brandão, precisa de um bom resultado neste segundo jogo disputado no Rio de Janeiro para garantir sua presença na Copa da Suécia, no ano seguinte.
E é justamente o que o chute genial desferido pelo pé direito de Didi proporciona: ainda não refeito do trauma provocado pela perda do título em 1950, em pleno Maracanã, e da decepção sofrida em 1954, na Suíça, o Brasil volta a sonhar forte com a conquista do mundo. Essa "folha seca" que toca suavemente as redes peruanas anuncia, dessa forma, não o outono, mas o início da primeira primavera do futebol brasileiro.

ELIMINATÓRIAS

Brasil 1 x Peru 1

Data: 13/abril/ 1957; **Local:** Estádio Nacional (Lima); **Juiz:** W. Rodríguez (Uruguai); **Gols:** Índio e Terry
Brasil: Gilmar, Djalma Santos e Bellini; Zózimo, Roberto Belangero e Nílton Santos; Joel, Didi, Evaristo, Índio e Garrincha. **Técnico:** Osvaldo Brandão
Peru: Asca, Fleming e Benitez; Lazon, Calderón e Salas; Bassa, Mosquera, Rivera, Terry e Gómez Sánchez. **Técnico:** Calderón

ELIMINATÓRIAS

Brasil 1 x Peru 0

Data: 21/abril/1957; **Local:** Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** E. Marino (Uruguai); **Gol:** Didi
Brasil: Gilmar, Djalma Santos e Bellini; Zózimo, Roberto Belangero e Nílton Santos; Joel, Didi, Evaristo, Índio e Garrincha; **Técnico:** Osvaldo Brandão
Peru: Asca, Benitez e Rovai; Fleming, Lazon e Calderón; Gómez Sánchez, Mosquera, Rivera, Terry e Seminario. **Técnico:** Calderón

O GLOBO

Assim começa a história do tetra: na partida contra o Peru, em jogo válido pelas Eliminatórias, Didi cria a "folha seca" — um novo tipo de chute que lembrava a queda indecisa de uma folha no outono — e deixa o Maracanã e o goleiro Asca atônitos. Com esse gol de falta, e vitória de 1 x 0, o Brasil garante sua presença no Mundial da Suécia

A derrota do racismo

São 5 horas da tarde de 24 de maio de 1958. A delegação brasileira que estreará na Suécia dentro de duas semanas inicia discretamente sua viagem para a Europa. Não fosse a polêmica envolvendo alguns de seus componentes, o silêncio que envolvia o embarque seria ainda maior. Nos últimos meses, a imprensa gastara rios de tinta questionando a presença — luxo, invencionice, bobagem — de dentista e psicólogo junto aos jogadores. Depois dos fracassos de 1950 e 1954, nunca a ciência mergulhara tão fundo no futebol para descobrir porque o Brasil não conseguia se impor em campo. Sigilosos relatórios médicos circulavam pela antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD) diagnosticando que o maior problema estava na alma dos jogadores, principalmente dos negros — nostálgicos, emocionalmente vulneráveis. Não é mera coincidência, portanto, que o time de estréia na Copa seja o mais branco possível. Dos 11 escalados contra a Áustria, apenas dois são negros — Dida e Didi, que coincidentemente têm reservas (Pelé e Moacir) de pele ainda mais escura. A Seleção ganha bem: 3 x 0, com dois gols de Mazzola e um de Nílton Santos, que desobedecendo as ordens gritadas do banco pelo técnico Feola ("Volta, Nílton. Fica na defesa"), avança, tabela com Mazzola e marca. Na segunda partida, um suado 0 x 0 com a Inglaterra, deixa claras as deficiências da equipe. Mazzola, por exemplo, está visivelmente procupado com as propostas milionárias que lhe chegam da Itália. Ao perder um gol contra os ingleses, tem uma crise de choro que só passa quando o capitão Bellini lhe dá um tapa no rosto. No meio-campo, Dino Sani é um volante clássico, porém frio. Por fim, Joel é um bom ponta-direita, aplicado e raçudo, mas de futebol previsível. Bellini, Nílton Santos e Didi, os líderes do time, concluem que assim não vai dar para ganhar a Copa e reunem-se com Feola para pedir mudanças. O treinador resolve atendê-los e o Brasil começa a vencer seu primeiro Mundial.

OITAVAS-DE-FINAL
1º JOGO

Brasil 3
x
Áustria 0

Data: 8/junho/1958; **Local:** Estádio Rimervallen (Uddevalla); **Juiz:** Maurice Frederic Guigue (França); **Público:** 21 000; **Gols:** Mazzola 38 do 1º; Nílton Santos 4 e Mazzola 44 do 2º

BRASIL: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando e Nílton Santos; Dino Sani e Didi; Joel, Mazzola, Dida e Zagalo. **Técnico:** Vicente Feola

ÁUSTRIA: Szanwald, Hanappi, Happel, Halla e Swoboda; Koller, Horak e Senekowitsch; Schleger, Körner e Buzek. **Técnico:** Karl Argauer

OITAVAS-DE-FINAL
2º JOGO

Brasil 0
x
Inglaterra 0

Data: 11/junho/1958; **Local:** Estádio Nya Ullevi (Gotemburgo); **Juiz:** Her Albert Dusch (Alemanha Ocidental); **Público:** 40 895

BRASIL: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando e Nílton Santos; Dino Sani e Didi; Joel, Mazzola, Vavá e Zagalo. **Técnico:** Vicente Feola

INGLATERRA: McDonald, Wright, Howe, Banks e Clamp; Slater, Douglas e Robson; Kevan, Haynes e A'Court. **Técnico:** Walter Winterbottom

FOTOS O GLOBO

Nílton Santos desobedece o técnico, vai ao ataque e marca o segundo gol da vitória de 3 x 0 sobre a Áustria na estréia *(ao lado)*. Mas é no suado 0 x 0 com a Inglaterra *(abaixo, Bellini disputa a bola com o atacante Robson sob o olhar de Nílton Santos, Orlando e Dino)* que o Brasil decide sua sorte: os cobras concluem que ou o time muda, ou a Seleção não ganha a Copa

O mundo em três minutos

O técnico soviético Gavril Katchaline está otimista neste 15 de junho de 1958. Além de acreditar na força de seu time — atual campeão olímpico —, ele tem informações de que os brasileiros, apesar de bons jogadores tecnicamente, são individualistas, temperamentais, imaturos. Ao visitar a concentração brasileira no dia anterior, Katchaline tivera outro motivo para se alegrar: soube que o Brasil entraria em campo sem três titulares (Dino Sani, Mazzola e Joel), que seriam substituídos, respectivamente, por um tal de Zito, por um garoto de 17 anos chamado Pelé e por um ponta com nome de passarinho, Garrincha, torto como um caminhão trombado. Por todas essas razões, o treinador soviético não pode deixar de sorrir quando o francês Maurice Guigue apita o início da partida. O Estádio Nya Ullevi está lotado: 50 928 pessoas, o recorde de público no Mundial. Vavá toca para Didi, que lança Garrincha. O lateral Kuznetsov corre. Mané ginga o corpo para a esquerda, mas sai pela direita. Kuznetsov desaba de traseiro no chão. A educada torcida sueca não sabe se ri ou se aplaude. Na dúvida, deixa cair o queixo. Sete segundo depois, Garrincha tem de novo Kuznetsov à sua frente. De novo, balança o corpo para a direita e passa como uma flecha pela esquerda. Repentinamente pisa na bola e estanca. O lateral soviético volta à carga. Leva outro drible. E mais outro. A torcida fica de pé, atônita. Mané invade a área perseguido por Kuznetsov, Voinov e Krijevski. Dribla os três. Pelé está livre na pequena área. Mas Garrincha, mesmo sem ângulo, dispara a bomba. A bola explode na trave esquerda de Yashin e se perde pela linha de fundo. Um minuto de jogo. O estádio inteiro ri e aplaude com entusiasmo. Garrincha volta para o meio do campo com seu trote desengonçado. A defesa brasileira intercepta o tiro de meta

O GLOBO

OITAVAS-DE-FINAL
3º JOGO
Brasil 2 x URSS 0

Data: 15/junho/1958; **Local:** Estádio Nya Ullevi (Gotemburgo); **Juiz:** Maurice Frederic Guigue (França); Público: 50 928; **Gols:** Vavá 3 do 1º; Vavá 21 do 2º
BRASIL: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo. **Técnico:** Vicente Feola
UNIÃO SOVIÉTICA: Yashin, Kesarev, Kuznetsov, Voinov e Krijevski; Tsarev, A. Ivanov e V. Ivanov; Simonjan, Iljin e Netto. **Técnico:** Gavril Katchaline

ABRIL

Campeões olímpicos, os fortes soviéticos estão sorridentes e otimistas. Além de formado por jogadores temperamentais e imaturos, o Brasil entra em campo sem três titulares, substituídos por jogadores completamente desconhecidos: um ponta-direita de um andar torto e nome de passarinho, Garrincha, e um outro, um tal de Pelé, que não passa de um moleque de 17 anos. Mas quando o jogo começa, os soviéticos não entendem mais nada: isso que os brasileiros estão jogando é futebol? É. E do melhor

soviético e a bola vai aos pés de Mané. Que passa para Didi. Para Pelé. Para Garrincha. Para Pelé. Outra bomba estoura contra as traves de Yashin. Dois minutos de jogo. Garrincha está de novo com a bola. Corre em ziguezague. Finge que vai, e não vai; finge que vai, e vai. Os soviéticos vão ficando estendidos no chão. Um a um. Didi lança Vavá. Gol do Brasil. O relógio marca três minutos. "Foram os três minutos mais fantásticos da história do futebol e a mais assombrosa aparição na ponta-direita desde Stanley Mathews", escreveu deslumbrado o jornalista francês Gabriel Hannot. O técnico Katchaline não sorri mais. Aqueles três minutos são suficientes para ele entender que sua equipe não tem qualquer chance no jogo. Perder de pouco, honradamente, já poderá ser considerado uma vitória. Garrincha e o Brasil continuam dando um show de futebol, mas o segundo gol só sai no segundo tempo. De novo Vavá. A Seleção Brasileira deixa o mundo boquiaberto e vira o prato-do-dia da imprensa internacional. Esse, porém, era apenas o começo de tudo. Muitos dribles ainda iriam rolar por baixo daquelas pernas.

Vavá, que já havia entrado no time na partida contra a Inglaterra, mostra finalmente contra a URSS porque é chamado de Leão. Na foto maior, ele enche o pé para marcar o segundo gol da vitória brasileira — lance que lhe custou um profundo corte no tornozelo. Na seqüência abaixo, o primeiro gol aos 3 minutos de jogo. Recebe um passe em profundidade de Didi, invade a área e bate forte no canto esquerdo do goleiraço Yashin

O GLOBO

Um lençol derruba o muro

Nos dias seguintes à vitória contra a União Soviética, a imprensa internacional mostrou como a magnífica exibição da Seleção Brasileira mexeu fundo em sua emoção. Os adjetivos, escritos nas mais diversas línguas, são de fazer corar até mesmo os mais imodestos: "futebol memorável", "tremenda velocidade de ataque", "absoluto domínio de bola", "time magnífico". No Brasil — então um país que parece decolar definitivamente para o futuro, vivendo com intensidade a construção de Brasília e a montagem de um moderno parque industrial —, a euforia toma conta dos torcedores. País de Gales, equipe medíocre, é o próximo adversário e tudo indica que nova goleada está a caminho. Desfalcada apenas de Vavá, machucado na partida com a URSS, a Seleção Brasileira entra em campo. O Estádio Nya Ullevi, em Gotemburgo, tem neste 19 de junho apenas 25 923 espectadores, pouco mais da metade de sua capacidade. Saída dada, Gales recua inteiro para a defesa. Seu homem mais avançado, postado na linha do meio do campo, é o centroavante Vernon. É uma partida monótona: o Brasil ataca, ataca, mas o gol não sai. (Serão, ao final do jogo, 67 ataques brasileiros contra apenas três dos galeses). Acaba o primeiro tempo e o marcador permanece 0 x 0. Dez minutos do segundo tempo, o teimoso 0 x 0 continua lá. Vinte minutos... e nada. A torcida se impacienta. Gales agora se defende com todos os seus homens e todas as suas forças à espera de um milagre. Aos 26 minutos, o que era tão sólido se desmancha no ar. Didi pega a bola, pára, vê Pelé livre no interior da área adversária e lhe faz o passe. Pelé mata no peito, dá um lençol curto sobre o tronco de seu marcador e, antes que a bola toque no chão e que o outro zagueiro tenha tempo para fazer a cobertura, chuta rasteiro, no canto direito do goleiro Kelsey. O relógio marca 26 minutos. É sem dúvida a vitória mais difícil da Seleção, em sua partida mais fácil na Copa. O Brasil já é semifinalista.

QUARTAS-DE-FINAL

Brasil 1 x País de Gales 0

Data: 19/junho/1958; **Local:** Estádio Nya Ullevi (Gotemburgo); **Juiz:** Her Hriedrich Speilt (Áustria); **Público:** 25 923; **Gol:** Pelé 26 do 1º

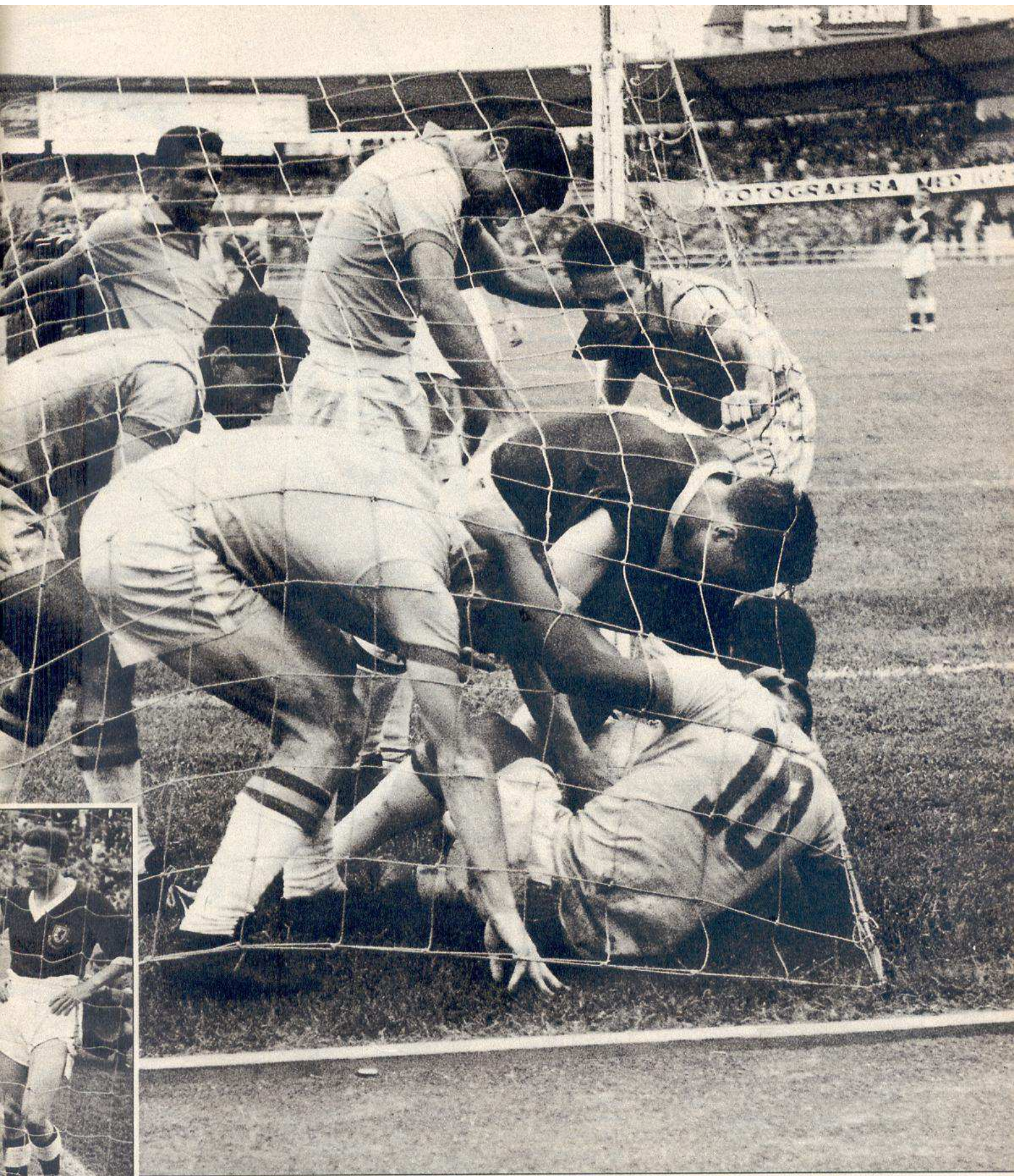
BRASIL: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Mazzola, Pelé e Zagalo. **Técnico:** Vicente Feola

PAÍS DE GALES: Kelsey, Williams e M. Charles; Hopkins, Sullivan e Bowen; Medwine, Hewitt, Vernon, Allchurch e Jones. **Técnico:** não disponível

O GLOBO

2

1

ABRIL

Depois de 71 minutos martelando a muralha formada pela defesa galesa, os jogadores brasileiros fazem a festa no fundo das redes. Pelé, o autor do gol, abraça a bola. Era o Brasil galgando outro degrau rumo ao título

Um time do outro planeta

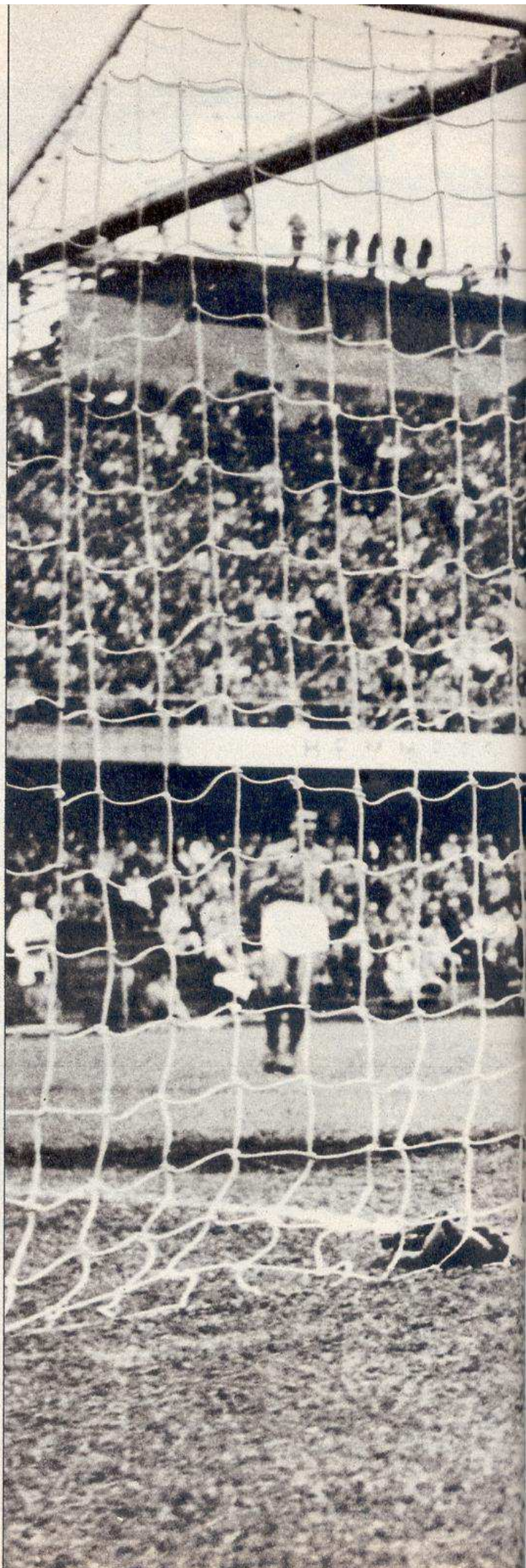
O mundo inteiro espera com ansiedade o início da Semifinal entre brasileiros e franceses, em Estocolmo. E há realmente motivos para tanta expectativa. O ataque da França — Wisnieski, Kopa, Fontaine, Piantoni e Vincent — é uma das sensações do Mundial. Em suas quatro exibições anteriores, marcara 15 gols, média de 3,7 por partida. O Brasil, que ainda não mostrara todo o seu poderio ofensivo (seis gols em quatro jogos), tem em compensação a defesa menos vazada da competição: nenhum gol sofrido. Com base nesses números, os analistas internacionais esperam que essa Semifinal seja o jogo mais bonito, movimentado e emocionante de toda a Copa. A outra Semifinal, entre Suécia e Alemanha, em Gotemburgo, acaba, assim, relegada a um plano menor pela imprensa internacional, apesar de a Alemanha ser a atual campeã do mundo. Quando muitos dos 27 100 espectadores ainda estão se acomodando em seus lugares, Vavá recebe um passe em profundidade e, sozinho diante do goleiro Abbes, enche o pé para inaugurar o marcador. A França não se intimida e corre atrás do empate, que chega aos 8 pelos pés do artilheiro Just Fontaine. É uma partida para quem tem coração forte. Aos 14, Zagalo acerta um chute perfeito. Abbes salta sem alcançar a bola, que bate na parte inferior do travessão, quica dentro do gol e volta para o campo. Mervyn Griffiths, o juiz, manda o jogo seguir. Todas as expectativas estão sendo cumpridas rigorosamente. Os dois times procuram o gol com coragem e volúpia. Didi, aos 39, recebe a bola a cinco metros da grande área francesa, procura a quem passar, mas todos os atacantes brasileiros estão marcados. Então ele chuta. De folha-seca. A trajetória inicial da bola indica que vai passar próxima à trave esquerda de Abbes e sair pela linha de fundo. De repente, porém, faz uma curva para dentro e

SEMIFINAL

Brasil 5 x França 2

Data: 24/junho/1958; **Local:** Estádio Raasunda (Estocolmo); **Juiz:** B. Mervyn Griffiths (País de Gales); **Público:** 27 100; **Gols:** Vavá 2, Fontaine 8 e Didi 39 do 1º; Pelé 8, 19, e 31 e Piantoni 40 do 2º
BRASIL: Gilmar, De Sordi, Bellini, Orlando e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo. **Técnico:** Vicente Feola
FRANÇA: Abbes, Kaelbel, Jonquet, Penverne e Lerond; Marcel e Kopa; Wisnieski, Fontaine, Piantoni e Vincent. **Técnico:** Albert Batteux

Zagalo chuta, o goleiro francês Abbes salta, mas a bola passa por ele, bate sob o travessão e cai atrás da linha de gol *(foto menor)*. O juiz, porém, não dá o gol. Um gol que não faz falta porque Pelé está dando um dos maiores shows de bola de sua carreira no segundo tempo e só espera a bola escapar de Abbes para marcar um de seus três gols na partida *(foto maior)*

FOTOS ABRIL

decai no ângulo: Brasil 2 x 1. E o primeiro tempo termina com a vitória parcial da defesa brasileira sobre o temível ataque francês. Na segunda etapa, com um homem a menos (o zagueiro Jonquet saíra machucado), a França recua. "Decidimos ajudar a defesa. Hoje sei que sonhamos o impossível: marcar jogadores imarcáveis", lembraria anos depois Raymond Kopa, o grande líder do time francês. Se o jogo contra a Rússia fora de Garrincha, essa partida contra a França é de Pelé — "um menino de 17 anos ainda sem idade para assistir aos filmes de Brigitte Bardot". É nesses 45 minutos finais que seu talento explode definitivamente: marca três gols belíssimos (Piantoni desconta para a França aos 40) e tem uma das atuações mais completas de sua carreira. Na verdade, o time brasileiro inteiro faz uma exibição perfeita, inesquecível. Nesse 24 de junho de 1958 nenhum time é capaz de vencê-lo. No dia seguinte, o mundo de novo gasta todos os adjetivos das línguas existentes para falar da Seleção. "Eles parecem vir de outro planeta", escreve o jornal esportivo francês *L'Equipe*. "O time do Brasil voa como o vento, com uma fria determinação e o coração quente", descreve o matutino sueco *Dagens* Nyheter. O mundo sabia então descrever bem o que via e sentia.

DIÁRIOS

1

2

AJB

Mais uma vez a Seleção Brasileira arranca os elogios mais entusiasmados dos jornais do mundo inteiro. Sua exibição na goleada de 5 x 2 contra a França, na Semifinal da Copa da Suécia, é perfeita, inesquecível. E de novo Garrincha enlouquece seu pobre marcador. Dribla-o e só pára ao se chocar com o goleiro *(fotos 1 e 2)*. "Sonhamos o impossível: marcar jogadores imarcáveis", confessaria anos depois Raymond Kopa, o genial líder daquela Seleção Francesa.

A primeira vez para sempre

O favoritismo do Brasil é massacrante. Sua vitória na Final está sendo cotada em 40 por 1 pelos apostadores de Londres. Ainda assim, os torcedores escutam seus rádios apreensivos. As notícias não são agradáveis: o Brasil vai jogar de azul e o campo está pesado por causa das chuvas. Ninguém tem dúvidas de que, primeiro, a Suécia obteve uma importante vitória psicológica ao obrigar o Brasil a trocar de uniforme e, segundo, que um gramado encharcado prejudica muito mais ao time canarinho, uma equipe leve e técnica. Esse segundo problema os próprios suecos até procuram minimizar cobrindo o gramado com lonas gigantescas. A primeira questão, a do uniforme azul, o falecido empresário Paulo Machado de Carvalho, chefe da delegação, resolve com genial habilidade. Chama os jogadores e, com grande sorriso e a voz mais entusiasmada que consegue, dá a notícia a eles: "Vamos jogar de azul como eu queria — a mesma cor do manto protetor de Nossa Senhora Aparecida." Com isso, o Brasil transforma a vitória psicológica da Suécia em uma vitória sua. Mas não é só a torcida que está nervosa antes do jogo. Na concentração sueca, os jogadores gastaram a noite toda pensando em como marcar os atacantes adversários. Pelo lado brasileiro, o lateral De Sordi também não conseguiu pregar o olho a noite inteira. Ele está uma pilha de nervos. Informado da situação, o médico Hílton Gosling chama Djalma Santos ao seu quarto. O velho Djalma mostra-se tranqüilo, pronto para jogar. Gosling vai então conversar com De Sordi, que andara queixando-se de dores musculares. O médico pede-lhe mil desculpas, mas terá de barrá-lo: "Pode ser um início de distensão, De Sordi. Sinto muito, mas não podemos nos arriscar. Infelizmente, você está fora." A torcida não se preocupa. Afinal, Djalma Santos só não foi titular desde o início por causa do relatório médico racista que acusava a vulnerabilidade

O GLOBO

FINAL

Brasil 5 x Suécia 2

Data: 29/junho/1958; **Local:** Estádio Raasunda (Estocolmo); **Juiz:** Maurice Frederic Guigue (França); **Público:** 49 737; **Gols:** Liedholm 4, Vavá 8 e 32 do 1º; Pelé 11, Zagalo 23, Simonsson 35 e Pelé 44 do 2º

BRASIL: Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Orlando e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo. **Técnico:** Vicente Feola

SUÉCIA: Svensson, Bergmark, Axbom, Börjesson e Gustavsson; Parling e Gren; Hamrin, Liedholm, Simonsson e Skoglund,. **Técnico:** George Raynor

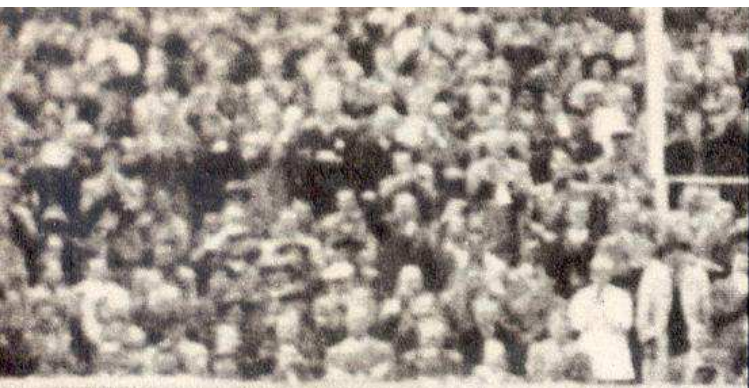
O capitão Bellini e o chefe da delegação, Paulo Machado de Carvalho, comemoram, com a Taça Jules Rimet nas mãos, o primeiro título mundial *(foto menor)*, uma conquista que emociona tanto o garoto Pelé que ele se põe de joelhos para chorar *(foto maior, sendo confortado por Garrincha)*. Esta é a primeira e a única vez que um país vence uma Copa do Mundo fora de seu continente

ABRIL

emocional dos atletas negros pelas derrotas de 1950 e 1954. O veterano Liedholm faz 1 x 0 para a Suécia logo aos 4 minutos de jogo. Didi coloca a bola debaixo do braço, caminha calmamente até o meio do campo e, virando-se para os companheiros, diz: "Vamos encher esses gringos. Nós somos melhores." Na primeira oportunidade que tem, lança Garrincha, que pára à frente do lateral Gustavsson. Por segundos, os dois ficam imóveis. Mané ginga para a esquerda e passa pela direita. Dribla outro zagueiro e cruza para a pequena área. Vavá, aos 8, só tem o trabalho de escorar para as redes. Aos 32, Garrincha repete a mesma jogada, como num video-tape, e Vavá faz 2 x 1. A superioridade brasileira é indiscutível. E o cerco aperta na segunda etapa. Aos 11, Didi lança Pelé, que dá um lençol em Axbon, finta Bergmark e marca o terceiro. Aos 23, Zagalo faz o quarto. Simonsson desconta aos 35, mas Pelé, de cabeça, aos 44, encerra a goleada. Fim de jogo, o massagista Mário Américo tira a bola do juiz e corre para o vestiário. Pelé ajoelha-se e chora. Zagalo chora. Gilmar, Nílton Santos e Didi choram. O Brasil inteiro chora, grita, pula, se abraça. Brasil, campeão do mundo. Pela primeira vez. E para sempre.

Zagalo marca na decisão do título o único gol que fez na campanha de 1958 e o quarto da goleada brasileira sobre a Suécia *(foto maior)*. Na sequência abaixo, Vavá empata a partida concluindo uma jogada perfeita de Garrincha no fundo do campo. O segundo gol do Brasil é um vídeo-tape: Garrincha dribla seus marcadores e da linha de fundo dá para Vavá empurrar para o gol vazio

FOTOS ABRIL

3
SPORRONGS

Com Gilmar, Zagalo, Garrincha, Nílton Santos e Zito à frente, os brasileiros dão a volta olímpica em Estocolmo, carregando a Bandeira Nacional. O Brasil, que vive o entusiasmo do Governo JK, mergulhando com todas as suas forças na construção de Brasília e na ampliação e modernização de seu parque industrial, agora é campeão do mundo. É emoção demais até para veteranos como Gilmar e Didi que *(foto menor)* amparam e consolam o garoto Pelé

TODOS OS TETRACAMPEÕES

1958

JOGADOR	CLUBE
Gilmar	Corinthians
Bellini	Vasco
Orlando	Vasco
Djalma Santos	Portuguesa de Desportos
Zito	Santos
Nílton Santos	Botafogo
Garrincha	Botafogo
Didi	Botafogo
Vavá	Vasco
Pelé	Santos
Zagalo	Flamengo
Castilho	Fluminense
Mauro	São Paulo
Zózimo	Bangu
De Sordi	São Paulo
Dino Sani	São Paulo
Oreco	Corinthians
Joel	Flamengo
Moacir	Flamengo
Mazzola	Palmeiras
Dida	Flamengo
Pepe	Santos

1962

JOGADOR	CLUBE
Gilmar	Santos
Mauro	Santos
Zózimo	Bangu
Djalma Santos	Palmeiras
Zito	Santos
Nílton Santos	Botafogo
Garrincha	Botafogo
Didi	Botafogo
Vavá	Palmeiras
Amarildo	Botafogo
Zagalo	Botafogo
Castilho	Fluminense
Bellini	São Paulo
Jurandir	São Paulo
Jair Marinho	Fluminense
Zequinha	Palmeiras
Altair	Fluminense
Jair da Costa	Portuguesa de Desportos
Mengálvio	Santos
Coutinho	Santos
Pelé	Santos
Pepe	Santos

1970

JOGADOR	CLUBE
Félix	Fluminense
Brito	Flamengo
Piazza	Cruzeiro
Carlos Alberto Torres	Santos
Clodoaldo	Santos
Everaldo	Grêmio
Jairzinho	Botafogo
Gérson	São Paulo
Tostão	Cruzeiro
Pelé	Santos
Rivelino	Corinthians
Ado	Corinthians
Leão	Palmeiras
Baldochi	Palmeiras
Fontana	Cruzeiro
Zé Maria	Portuguesa de Desportos
Joel Camargo	Santos
Marco Antônio	Fluminense
Paulo César Caju	Botafogo
Dario	Atlético-MG
Roberto Miranda	Botafogo
Edu	Santos

1994

JOGADOR	CLUBE
Taffarel	Reggiana (Itália)
Jorginho	Bayern de Munique (Alem.)
Aldair	Roma (Itália)
Márcio Santos	Bordeaux (França)
Branco	Fluminense
Dunga	VFB Stuttgart (Alem.)
Mauro Silva	La Coruña (Espanha)
Mazinho	Palmeiras
Zinho	Palmeiras
Bebeto	La Coruña (Espanha)
Romário	Barcelona (Espanha)
Zetti	São Paulo
Gilmar	Flamengo
Cafu	São Paulo
Ricardo Rocha	Vasco
Ronaldão	Shimizu (Japão)
Leonardo	Kashima Antlers (Japão)
Paulo Sérgio	Bayer Leverkusen (Alem.)
Raí	Paris Saint-Germain (Fran.)
Müller	São Paulo
Viola	Corinthians
Ronaldo	Cruzeiro

PLACAR

EM SÃO PAULO:
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino Gomes,61, Brooklin, CEP 04573-900, tel.: (011) 534-5344, fax: (011) 534-5638
Administração: r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515-010, tel.: (011) 858-4511

ESCRITÓRIOS NO BRASIL
Belo Horizonte: r. Paraíba, 1122, 18.º and., Funcionários, CEP 30130-141, tels.: (031) 261-6799/7070, fax: (031) 261-7114
Brasília: SCN - Ed. Brasília Trade Center, 14.º e 15.º ands., CEP 70710-902, tel.: (061) 315-7575, fax: (061) 226-7592
Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CEP 79052-170, Cx. Postal 57, tel.: (067) 387-3685
Cuiabá: r. G, casa 8, Setor Oeste, Morada do Ouro, CEP 78000-000, Cx. Postal: 445, tel.: (065) 644-1539
Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º ands., Centro Cívico, CEP 80530-000, tel.: (041) 252-6996, fax: (041) 254-3455
Florianópolis: tel.: (0482) 24-7598
Goiânia: r. 1127, 220, Setor Marista, CEP 74175-060, tel.: (062) 241-3756
Natal: r. Trairi, 663, Petrópolis, CEP 59020-150, telefax: (084) 222-4323
Porto Alegre: r. Antenor Lemos, 57, 8.º and., sl. 802, Menino Deus, CEP 90850-100, tel.: (051) 229-5899, fax: (051) 229-4857
Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º and., cj. 901 a 904, São José, CEP 50020-000, tel.: (081) 424-3333, fax: (081) 424-3896
Ribeirão Preto: r. Garibaldi, 919, Centro, CEP 14010-170, telefax: (016) 634-9376
Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º and., Botafogo, CEP 22290-030, tel.: (021) 546-8282, fax: (021) 275-9347
Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Ed. Omega, 3.º e 6.º ands., sls. 303 e 604, Pituba, CEP 41820-021, tel.: (071) 371-4999, fax: (071) 371-5583
São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245-670, tel.: (0123) 21-1126, fax: (0123) 21-5046
Vitória: av. Mal. Mascarenha de Morais, 2562, Ed. Espaço Um, sl. 410, Bento Ferreira, CEP 29300-530, tel.: (027) 325-8273

ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, suite 3403, New York, N.Y. 10165/3403, tel.: (001212) 557-5990/5993, telex (00) 237670, fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, telex (0042) 660731 ABRILPA, fax: (00331) 42.66.13.99
Portugal - Importação exclusiva e Comercialização: Editora Abril (Portugal), Lda., r. Marcos Portugal, 16-A, Algés, 1495 Lisboa, tel.: 4105823, fax: (003511) 4107050, Distribuição: Distribuidora Jardim de Publicações, Lda., Quinta de Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685 Camarate, Lisboa, tel.: 9472542

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

INTERESSE GERAL
VEJA • GUIA RURAL • ALMANAQUE ABRIL
GUIA DO ESTUDANTE • SUPERINTERESSANTE
INFORMÁTICA EXAME
ECONOMIA E NEGÓCIOS
EXAME
AUTOMOBILISMO E TURISMO
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
ESPORTES
PLACAR
MASCULINAS
PLAYBOY
FEMININAS
CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM
MONTRICOT • CAPRICHO
DECORAÇÃO E ARQUITETURA
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

PLACAR ESPECIAL-COPA Nº 10 (ISSN 0104-1762), ano 25, é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP S/A - CEP 06053-990, Cx. Postal 2505, tel.: (011) 810-5001, r. 213/244, fax: (011) 810-4800, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
ANER
Serviço ao Assinante: tel.: (011) 823-9222
IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Tel.: (011) 877-1150 e 877-1588